

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Separações mãe-bebê:
diversos sentidos na construção de uma relação

Marisa Vasconcelos Ferreira
Orientadora Prof^a. Dr^a. Maria Clotilde Rossetti Ferreira

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP,
como parte das exigências para a obtenção do
título de Mestre em Psicologia.

Ribeirão Preto – SP

2000

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Separações mãe-bebê:
diversos sentidos na construção de uma relação

Marisa Vasconcelos Ferreira

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP,
como parte das exigências para a obtenção do
título de Mestre em Psicologia.

Ribeirão Preto – SP

2000

FICHA CATALOGRÁFICA

Ferreira, Marisa Vasconcelos

Separações mãe-bebê: diversos sentidos na construção de uma relação. Ribeirão Preto, 2000.

93 p.: il.; 30 cm.

Dissertação, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP – Dept de Psicologia e Educação.

Orientadora: Rossetti-Ferreira, Maria Clotilde

1. Separação mãe-bebê. 2. Sentidos. 3. Psicologia Sócio-histórica.

Capa: Lasar Segall. Mulata com criança, 1924. Pintura a óleo sobre tela.

*“Nada sabemos da alma
Senão da nossa;
As dos outros são olhares,
São gestos, são palavras,
Com a suposição de qualquer semelhança
No fundo.”*
(Fernando Pessoa)

Ao meu pai, Assuéro

À minha mãe, Neusa

Aos meus irmãos, André e Régis

*O amor e a admiração de vocês
Impulsionaram-me em mais esse desafio.*

Agradecimentos

À minha família, por acreditar nesse sonho e possibilitar sua realização.

À Leda, um pedacinho da minha família, pelo acolhimento e pelo amor.

À Clotilde, pela orientação e pelo carinho com que me ensina a importância do fazer pesquisa.

À Beth, D. Rosa e Júlia, pelo carinho e pela disposição com que me receberam em sua casa para realizarmos este trabalho.

À Vanessa, minha amiga e irmãzinha de coração, por estar sempre presente.

Aos amigos e amigas, por me ensinarem todos os dias o valor da amizade.

Às amigas Helô, Fabíola, Cuca, Bijú, Pat e Jô, e ao amigo Dudu, por dividirem comigo as alegrias do dia-a-dia e as dificuldades de estar longe de casa.

Aos colegas do CINDEDI, pelo carinho e pela interlocução fundamental na construção dessa pesquisa.

Aos companheiros de APG, com quem aprendo a amplitude do fazer pesquisa.

Aos funcionários do departamento e do programa de pós-graduação em Psicologia da FFCLRP, pela atenção nas horas em que precisei.

À FAPESP, pelo auxílio financeiro à realização dessa pesquisa.

Resumo

Os estudos sobre as separações mãe-bebê são fortemente influenciados pela Teoria do Apego de John Bowlby e Mary Ainsworth, que considera as separações entre figura de apego e bebê como fatores de risco para o desenvolvimento e enfatiza que, por natureza, o cuidado do bebê deve ser realizado por uma só pessoa, preferencialmente a mãe. Dessa teoria decorrem críticas aos cuidados de bebês e crianças pequenas em creche, que influenciam o imaginário social sobre as possíveis desvantagens do cuidado coletivo de bebês. Contrapõe-se à Teoria do Apego, uma perspectiva sócio-histórica de desenvolvimento que concebe a pessoa constituindo-se em relações sociais mais amplas, inseridas em contextos sócio-culturais, onde diversos parceiros significativos são possíveis ao bebê. Nessa perspectiva, a separação entre o bebê e seus parceiros significativos não constitui necessariamente fator de risco para o seu desenvolvimento. O objetivo deste trabalho é identificar, a partir de elementos do discurso de uma mãe, possíveis sentidos relacionados a eventos de separação, que permeiam sua relação com o bebê. Busca-se compreender como estes vão constituindo o papel dessa mãe que, contrariamente à visão naturalizada da Teoria do Apego, vai se construindo na especificidade do seu contexto sócio-cultural. O corpus desta pesquisa é composto por quatro entrevistas com uma mãe, realizadas entre o 8º mês de gravidez e o 8º mês de vida do bebê. Dividimos o período da pesquisa em quatro momentos: o pré-natal, os momentos iniciais da família após o nascimento do bebê, os primeiros meses da família com o bebê e a entrada da família na creche. Na análise, utilizamos a proposta teórico-metodológica da Rede de Significações elaborada pelo CINDEDI, buscando compreender transformações na rede de significações dessa mãe no decorrer dos momentos investigados. Nestes, o tema da separação aparece na fala da mãe com diferentes sentidos: por vezes, é visto como uma ameaça à relação mãe-bebê, fazendo emergir angústia na mãe e em outros membros da família; em outras, como possibilidade de diferenciação da mãe e do bebê. Estes sentidos vão sendo reconstruídos dependendo do contexto em que mãe e bebê estão inseridos e da situação interativa e emergem no decorrer do processo de desenvolvimento da pessoa que vai tendo sua rede de significações reconfigurada. Este processo de reconstrução indica não apenas uma possibilidade, como propõe a Teoria do Apego, mas uma variedade de sentidos possíveis para os eventos de separação mãe-bebê. (FAPESP)

Abstract

Studies about mother-child separation are strongly influenced by John Bowlby and Mary Ainsworth's Attachment Theory. They consider the mother-child separation as a factor of risk to development, and that by nature, the baby should be in care of one person only, preferably the mother. Hence, so many criticisms to babies and young children care in daycare centers that influence the prevailing social conceptions about possible disadvantages of collective care of babies. Contrary to the Attachment Theory, a social-historical perspective of development conceives the person being constituted in broader social relationships inside social-cultural contexts, where various significant partners are available for interaction. Under this perspective, separation of the baby from his/her partners is not necessarily a factor of risk for the baby's development. This work aims to identify possible meanings related to mother-child separation in the mother's discourse. It is an attempt to understand how the meanings build up the role of this mother. Contrary to naturalistic view of the Attachment Theory, this role is constructed in a specific social-cultural context. The *corpus* of research is composed of four interviews with one mother carried out between 8th month of pregnancy and when the baby was 8 months old. The research was divided in four moments: pre-birth, the family's first moments after birth, the first months of the family with the baby and the start of the family in the daycare center. The Network of Meanings, elaborated by CINDEDI, is used as a theoretical-methodological approach to analyse the transformation in the network of meanings of the mother along the moments investigated. The theme separation appears in the mother's discourse with different meanings. Sometimes it implies a threat to the mother-child relationship, which causes anxiety to the mother and the other family members. In other instances, the separation appears as a possibility of differentiation between mother and child. Those meanings are rebuild depending on the context where the mother child are and the interactive situation emerging along the development of the person who has his/her network of meanings rearranged. This process of rebuilding indicates not only a single possibility, as proposes the Attachment Theory, but a whole variety of meanings for the event mother-child separation. (FAPESP)

Sumário

Introdução	01
1. A Teoria do Apego	03
1.1 Aspectos teóricos da Teoria do Apego	03
1.2 Caracterizando a interação mãe-bebê a partir da Teoria do Apego	06
1.3 Concepções de maternidade: multiplicidade de discursos	11
2. Em direção a uma perspectiva sócio-histórica para a análise do desenvolvimento humano: a Rede de Significações	15
2.1 A interação dialógica	17
2.2 A construção de sentidos	22
2.3 As noções de Tempo na Rede de Significações	25
3. Objetivo da pesquisa	27
4. A construção do corpus	28
4.1 A escolha dos participantes	28
4.2 Os participantes do estudo	28
4.3 Os procedimentos	29
4.4 O (um) recorte dos dados	29
4.5 A realização das entrevistas	30
4.6 A análise das entrevistas	33
5. Apresentação e discussão dos dados	35
5.1 Os momentos pré-natais	35
5.2 Momentos iniciais da família após o nascimento de Júlia	46
5.3 Júlia em casa: os primeiros meses da família	64
5.4 A entrada de Júlia e sua família na creche	74
6. Considerações finais	84
7. Bibliografia	91
Anexos	

Introdução

A entrada de bebês em creche é um fenômeno recente em nossa sociedade. No Brasil, somente com a Constituição de 1988, o atendimento de crianças na faixa etária de 0 a 6 anos, foi definido como um direito da criança, uma opção da família e um dever do Estado.

Em nosso país, a história da creche vem marcada por resquícios de uma prática assistencialista de atendimento às camadas mais pobres da população, onde esta instituição supriria necessidades básicas das crianças que não eram atendidas em casa.

Além disso, o pensamento corrente de que nos primeiros anos de vida a criança deve ser cuidada pela mãe no contexto familiar coloca a existência da creche como um *mal necessário*. A opção por esta solução constitui a última alternativa possível, quando a família não tem outra opção.

A creche ainda é alvo de discussões bastante controversas e provoca muita angústia. A literatura psicológica, ao tratar sobre as condições necessárias para o bom desenvolvimento de um bebê, ainda é fortemente marcada por uma visão de que a separação constitui um perigo ao desenvolvimento infantil.

Neste trabalho, procuraremos inicialmente apresentar alguns aspectos da Teoria do Apego, para posteriormente discutir criticamente, a partir de uma visão sócio-cultural, questões ligadas a interação mãe-bebê e a concepção de maternidade decorrente desse paradigma.

Seguiremos adiante, apresentando e discutindo algumas noções teóricas decorrentes de uma perspectiva sócio-histórica do desenvolvimento humano, de autores como Wallon, Bakhtin e da proposta teórico-metodológica da Rede de Significações (Rossetti-Ferreira, Amorim & Vitória, 1996; Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2000; Amorim, Vitória & Rossetti-Ferreira, 2000), a fim de que possamos, a partir de uma outra perspectiva, refletir sobre a questão dos eventos de separação entre uma mãe e seu bebê.

A partir de um estudo de caso longitudinal, procuraremos investigar os sentidos que emergem na fala de uma mãe, relacionados às separações entre ela e seu bebê. Serão utilizadas 4 entrevistas, coletadas em momentos que vão desde o pré-natal ao 8º mês de vida do bebê.

A proposta teórico-metodológica da Rede de Significações fundamentou a análise e discussão dos dados, visando apreender a diversidade de elementos que emergem na construção de sentidos, no caso dessa pesquisa, relativos aos eventos de separação mãe-bebê.

Ao final, tecemos nossas considerações sobre a questão dos eventos de separação mãe-bebê na construção de uma relação e sobre o percurso de construção dessa pesquisa.

1. A Teoria do Apego

A teoria do apego, desde o seu aparecimento, causou grande impacto, tanto nos meios científicos quanto no público em geral. Constituiu-se como um importante paradigma para os estudos em Psicologia do Desenvolvimento, ampliando seus focos de investigação para aspectos do desenvolvimento afetivo.

Segundo Brertherton (1992), a Teoria do Apego formulada por Bowlby, possibilitou uma nova forma de pensar o vínculo mãe-bebê e os efeitos da separação precoce entre mãe e bebê no desenvolvimento humano.

O desenvolvimento da Teoria do Apego, principalmente no que diz respeito às pesquisas empíricas e à elaboração da noção de Base Segura, deve-se aos trabalhos de campo de Ainsworth (1964, 1978), que elaborou e experimentou o procedimento da Situação Estranha. Este tem como objetivo verificar diferenças individuais na organização dos comportamentos de apego da criança à mãe. A partir dos resultados, Ainsworth (1978) formulou o conceito de base segura, que foi posteriormente incorporado por Bowlby (1990) em seus trabalhos.

1.1 Aspectos teóricos da Teoria do Apego

A Teoria do Apego (Bowlby, 1990) sofreu a influência de dois campos de conhecimento que fizeram parte da formação de Bowlby: a psicanálise e a etologia.

A influência da psicanálise (Freud & Breuer, 1987; Freud, 1989; Klein, 1991) reside na importância atribuída às primeiras relações do bebê na formação da personalidade. Em sua obra, Bowlby (1990) reconhece a primeira relação humana de uma criança como fundamental e edificadora de sua personalidade.

Bretherton (1992) aponta que, apesar de concordar com as teses básicas de Melanie Klein sobre os efeitos prejudiciais da separação mãe-bebê, Bowlby discorda da visão da autora que estabelece lugar primordial às fantasias geradas por conflitos internos entre a agressividade e os impulsos libidinais no desenvolvimento de traumas. Bowlby enfatiza a influência dos eventos reais de separações mãe-bebê nos primeiros anos de vida do indivíduo e a forma como se dá a participação dos pais nesse período inicial da vida (Bretherton, 1992).

Quanto às contribuições da etologia, Bowlby (1990) acredita que no comportamento humano existem diversas variações culturais, mas características comuns à espécie podem ser verificadas. Fundado nessa premissa, este autor propõe uma teoria do comportamento instintivo que explicaria a natureza do apego. Para ele, *“todo e qualquer caráter biológico, seja ele morfológico, fisiológico ou comportamental, é um produto da interação da dotação genética com o meio ambiente”* (Bowlby, 1990, p. 41)

O vínculo mãe-bebê é condicionado por essa estrutura básica genética do indivíduo em interação com o meio ambiente e caracteriza um padrão de comportamentos instintivos da espécie humana:

“Por exemplo, apesar da óbvia variabilidade, os padrões de comportamento humano, quase sempre intensamente motivados, que resultam no acasalamento, no cuidado e proteção aos filhos pequenos e no apego dos jovens aos pais, são encontrados em quase todos os membros da raça humana e parece preferível considerá-los expressões de algum plano comum e, tendo um óbvio valor de sobrevivência, exemplos de comportamento instintivo.” (Bowlby, 1990, p.42).

Esses comportamentos decorrem da atividade de um certo número de sistemas comportamentais (estrutura básica) que tem a proximidade com a mãe como alvo buscado através de vários comportamentos. A um desses sistemas ele dá o nome de Apego.

Bowlby (1990) estabelece uma diferença quanto às definições de apego e comportamento de apego. Por Apego, ele define o sistema comportamental que tem como meta a busca de proximidade com a figura de apego. Já os comportamentos de apego constituem a mobilização expressivo-motora através da qual a criança alcança a proximidade com sua mãe, objetivo do sistema comportamental de Apego.

No ser humano, apesar de desenvolver-se mais lentamente, o comportamento de apego é semelhante ao que foi observado, pelos estudos etológicos, em mamíferos não-humanos. Seja em humanos, ou não, o apego dos jovens em relação a seus pais tem um claro *valor de sobrevivência* do indivíduo e da espécie. A busca de proximidade, que é função do comportamento de Apego, protege os filhotes de seus predadores, em um período da vida em que eles ainda não têm capacidade de defenderem-se sozinhos (Bowlby, 1990).

Segundo Bowlby (1990), ao nascer, o bebê está equipado com sistemas comportamentais que servirão de base para o desenvolvimento ulterior do comportamento de apego. Por exemplo: o choro e a sucção. Após algumas semanas, são acrescentados o sorriso e o balbuciar. Posteriormente o engatinhar e o andar. A partir destes, derivarão sistemas mais refinados que serão mediadores da relação da criança com sua figura de apego. Ou seja, desde uma fase inicial do desenvolvimento, cada um desses tipos de comportamentos tem como resultado previsível a proximidade com a mãe.

As idéias de Bowlby (1990) sobre a natureza e a função do Apego caracterizam uma visão biológico-evolucionária e contribuem para uma concepção de interação mãe-bebê da ordem do natural e de base instintiva.

1.2 Caracterizando a interação mãe-bebê a partir da Teoria do Apego

A interação mãe - bebê é resultante de uma série de comportamentos que se equilibram entre si e variam de intensidade de momento a momento, mas sempre mantendo a proximidade entre os parceiros. Bowlby (1990) define esses comportamentos como:

- a) **Comportamentos de apego da criança:** como vimos estes se caracterizam por toda a mobilização expressivo-motora através da qual a criança busca atingir a meta de proximidade com a mãe. Por exemplo: sorrir, chorar, engatinhar...

- b) **Comportamentos da criança que se diferenciam do apego:** caracterizam-se pelos comportamentos exploratórios e atividade lúdica. São colocados como uma classe de comportamentos de grande importância para o ser humano. Têm a função de obter informações do meio, isto é, são ativados por estímulos ambientais novos para o bebê e fazem com que este saia de perto da mãe, explore aquela novidade e volte para a base materna. A ativação desses comportamentos resultam do caráter novo do estímulo e sua finalização, da familiaridade com este. Em alguns momentos, esses comportamentos podem provocar alarme e medo, que constituem dois ativadores dos comportamentos de apego.

- c) **Comportamentos da mãe em dispensar cuidados,** também conhecidos pelos nomes: *comportamento de recuperação, proteção parental, desvelo materno, cuidado materno e/ou recuperação.* "Em particular, 'recuperação' (retrieving) chama a atenção para o fato de que boa parte do comportamento maternal se ocupa em reduzir a distância entre o bebê e a mãe, e em reter o bebê em estreito contato físico com ela." (Bowlby, 1990, p.257). Os comportamentos de recuperação têm a mesma função biológica de proteção do comportamento

de apego do filho. Em nossa sociedade, mesmo quando a mãe nomeia alguém para cuidar de seu filho durante uma parte do dia, ela sente um forte impulso para ficar perto dele. Ceder ou não a esse impulso vai depender dos fatores sócio-culturais de seu meio.

- d) **Comportamentos da mãe que se diferenciam dos cuidados maternos:** em contraposição aos comportamentos de recuperação ou de cuidados maternos, estão outros tipos de comportamentos que fazem com que a mãe comporte-se de forma a afastar-se do bebê. Por exemplo, os afazeres domésticos e as exigências de outros membros da família. *“Numa mãe normal, o comportamento de afastamento, embora ocorra ocasionalmente, não é freqüente nem prolongado, sendo rapidamente substituído pelo cuidado, quando os acontecimentos o exigem. Numa mãe emocionalmente perturbada, por outro lado, tal comportamento pode interferir seriamente com os cuidados ao filho.”* (Bowlby, 1990, p.258).

Os tipos de comportamentos referidos concorrem entre si e estabelecem o tipo de interação que o par mãe-bebê vai desenvolver. Essa interação mãe-bebê está permeada por emoções e fortes sentimentos dos indivíduos nela envolvidos:

“Quando a interação entre um par transcorre normalmente, cada participante manifesta intenso prazer na companhia do outro e, especialmente, nas expressões de afeição do outro. Inversamente, sempre que a interação resulta em persistente conflito, é provável que cada participante manifeste, ocasionalmente, ansiedade ou infelicidade intensas, sobretudo ante a rejeição do outro.” (Bowlby, 1990, p.259).

Com relação aos processos que acontecem no bebê para que ele selecione determinadas figuras de apego, Bowlby propõe algumas variáveis que podem ser identificadas como reforços

importantes. Mais do que a alimentação, o desmame ou outras variáveis, a presteza com que a mãe responde ao choro do nenê e o grau em que ela própria toma a iniciativa de interagir socialmente com ele, determinam sensivelmente a escolha dessa como figura de apego.

A escolha dessa figura de apego recai sobre uma pessoa, isto é, nessa concepção teórica propõe-se que há uma tendência da criança apegar-se a uma figura principal de apego. A esta tendência Bowlby (1990) chamou *monotropia*.

Com outras pessoas a criança poderia vir a desenvolver uma outra relação, por exemplo um companheiro de brincadeiras, que Bowlby (1990) denominou figuras subsidiárias de apego. Mas, nos momentos de medo, cansaço ou doença, a criança procura apenas a uma pessoa, a figura principal de apego, que na cultura ocidental geralmente é a mãe.

Partindo dessa proposta, Ainsworth (1964), que se tornou colaboradora ativa de Bowlby, inclusive coletando e fornecendo dados empíricos para suas teorizações, desenvolveu junto a seu grupo de pesquisadores um procedimento de trabalho a fim de verificar diferenças individuais na organização do comportamento de apego da criança à mãe. A este procedimento deu-se o nome de Situação Estranha, que tem como finalidade a exacerbação dos comportamentos de apego.

A Situação Estranha é composta por uma seqüência fixa de oito episódios de curta duração onde a criança vivencia um ambiente estranho, primeiro na presença da mãe e depois na sua ausência. Além disso, a presença ou não de uma pessoa desconhecida é mais um elemento que compõe esse procedimento. No decorrer das seqüências estão previstos dois episódios de separação e reencontro da criança com sua mãe. Em cada episódio, as categorias, busca de proximidade e contato, manutenção de contato, interação à distância, busca da pessoa ausente, resistência, esquiva ao contato e ambivalência, são avaliadas dentro de uma escala de pontos pré-determinada (Rossetti-Ferreira, 1984).

Tendo em vista seus resultados empíricos, a Situação Estranha conduziu a classificação de bebês dentro de três padrões de apego, que foram incorporados por Bowlby e assim definidos:

- Apego seguro: o bebê demonstra segurança e confiança em seus pais, acreditando que eles estarão imediatamente disponíveis no momento em que ele precisar. *“Esse modelo é promovido por um dos pais, especialmente a mãe, nos primeiros anos, quando esta está imediatamente disponível, sensível aos sinais da criança e com respostas amáveis, sempre que ela procura proteção e/ou conforto.”* (Bowlby, 1989, p. 121).
- Apego resistente e ansioso: há uma incerteza quanto à disponibilidade dos pais. Por conta dessa incerteza, a criança tende sempre a estar em um estado de angústia, o que a faz querer ficar grudada na mãe e não explorar o mundo. *“Esse modelo, onde fica evidente o conflito, é promovido por pais que se mostram disponíveis e prestativos em algumas ocasiões e não em outras, é promovido por separações e, como mostram as descobertas clínicas, por ameaças de abandono usadas como meio de controle.”* (Bowlby, 1989, p. 121-122).
- Apego ansioso com evitação: o indivíduo demonstra total desconfiança quanto a suas figuras parentais, no sentido de que não acredita encontrar resposta e ajuda para as suas necessidades, mas sim provável rejeição. *“Esse modelo, onde o conflito está mais escondido, é resultado de constante rejeição por parte da mãe, sempre que o indivíduo a procurava a fim de obter conforto e proteção.”* (Bowlby, 1989, p. 122).

Sendo assim, a forma e o grau das respostas da mãe para com a criança determinarão que padrão de apego será desenvolvido.

A partir de seus estudos e de sua concepção de apego, Bowlby (1990) propõe como atitude preventiva e possibilitadora de desenvolvimento de um apego seguro ao bebê:

“Quando a mãe é receptiva para os sinais do filho e responde a eles pronta e adequadamente, a criança desabrocha e o relacionamento desenvolve-se de maneira feliz. Quando a mãe não é receptiva, ou não responde de forma a dar à criança o que ela quer, mas, ao contrário, alguma outra coisa que não a desejada, as coisas não caminham bem.”
(Bowlby, 1990, p.379)

Para esse autor, a regulação dos cuidados maternos deve ser estabelecida pela necessidade da própria criança, ou seja:

“Numa família comum em que a mãe cuida de seu bebê, nenhum dano resulta para ele quando ela lhe proporciona tanta atenção e presença quanto ela parece querer. Assim, a respeito dos cuidados maternos - como no caso da alimentação - uma criança pequena parece feita de modo que, se desde o princípio lhe for permitido decidir, ela pode satisfatoriamente regular o seu próprio ‘consumo’. Somente depois de chegar aos anos de escolaridade poderá haver um moderado desencorajamento.” (Bowlby, 1990, p.378)

Nesse sentido, a presença constante da mãe junto ao seu bebê e a ênfase dessa relação em detrimento de outras apontam para os efeitos negativos dos eventos de separação mãe-bebê, constituindo-os como fatores de risco ao desenvolvimento humano. Estes pontos caracterizam a teoria do apego de Bowlby (1989, 1990) e Ainsworth (1964, 1978) que propõe determinados tipos de comportamentos como sendo saudáveis e promotores de bem estar no desenvolvimento ulterior do indivíduo, que influenciam o meio social levando a uma crítica às situações de separação entre mãe e bebê nos primeiros anos de vida, como por exemplo a ida do bebê à creche.

1.3 Concepções de maternidade: multiplicidade de discursos

As formulações de Bowlby (1989, 1990) e Ainsworth (1964, 1978) fundamentam concepções de maternidade, de desenvolvimento e de cuidado infantil, estando presentes e influentes em nossa sociedade, caracterizando discursos e comportamentos.

Contudo, transformações sócio-econômicas na sociedade, decorrentes e impulsionadoras de diversas mudanças nas concepções de família, de maternidade e paternidade, de desenvolvimento infantil, foram acontecendo e exigindo novas formas de pensar as relações humanas.

No campo da ciência psicológica, observa-se a emergência de novos paradigmas para repensar o desenvolvimento humano e o aparecimento de outros discursos que questionam e se contrapõem ao referencial da teoria do apego, principalmente à forma naturalizada desta teoria conceber a relação mãe-bebê, a ênfase desta em detrimento de outras relações e dos riscos da separação na relação mãe-bebê.

A influência dos estudos etológicos na teoria do apego de Bowlby (1990) e o fato desse autor considerar o comportamento materno e o vínculo mãe-bebê como decorrente de sistemas inatos e tendo uma base instintiva, contribuiu para a construção e a manutenção de uma visão, tanto no meio científico quanto no público em geral, de que a maternidade é de ordem natural, instintiva.

Estudos sobre a história social da família e da criança (Ariès, 1978; Badinter, 1985) contribuíram efetivamente para o questionamento dessa naturalização, mostrando que essa noção de relação mãe-bebê harmônica é muito recente e própria de determinadas culturas:

"Ao se percorrer a história das atitudes maternas, nasce a convicção de que o instinto materno é um mito. Não encontramos nenhuma conduta universal e necessária da mãe. Ao contrário, constatamos a extrema variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura, ambições ou frustrações." (Badinter, 1985, p.367).

Dentre os pressupostos teóricos da Teoria do Apego, podemos também apontar a ênfase nas primeiras relações do bebê, em especial a relação deste com sua mãe, que marcam as formas de relacionamento posteriores do bebê.

Schaffer (2000), em uma revisão sobre as teorias que versam sobre as experiências iniciais da vida humana, aponta a crença de Bowlby em um período crítico no início da vida. Nesse período, se a criança passa por um certo tipo de experiência, geralmente ligada às separações de sua figura de apego, efeitos permanentes serão produzidos.

Pode-se identificar nos trabalhos de Bowlby (1989, 1990) e Ainsworth (1964, 1978), uma visão determinista e preditiva para os eventos de separação mãe-bebê. Estes episódios, mesmo quando de curta duração, por exemplo a ida da criança na creche, são considerados como possíveis causas de posteriores problemas da personalidade.

A fim de questionar este pressuposto, Schaffer (2000) aponta, com base em estudos empíricos, que mesmo as privações prolongadas no primeiro ano de vida, não indicam que necessariamente esses eventos de separação vão trazer efeitos negativos para o desenvolvimento emocional da pessoa e para o estabelecimento de vínculos no decorrer da vida.

Este caráter de predição concebe determinado padrão de cuidado desejável para o desenvolvimento saudável do bebê que é aquele onde a mãe e o bebê precisam ter nos primeiros anos de vida uma relação íntima e contínua, além de prazerosa para os dois parceiros (Bowlby, 1990).

Além disso, a tese da irreversibilidade dos efeitos de experiências no início da vida no desenvolvimento humano tem sido questionada e, diversos estudos têm mostrado que, experiências posteriores podem modificar as conseqüências das experiências iniciais (Schaffer, 2000).

A Teoria do Apego, desde o seu aparecimento, mobilizou no meio científico posições convergentes e divergentes. Rossetti-Ferreira (1984), em uma revisão dos estudos sobre Apego,

aponta duas direções básicas que se delinearão a partir dos estudos sobre a separação mãe-bebê: a primeira, seguindo o referencial da Teoria do Apego, tentava aprofundar e desenvolver suas propostas; a segunda questionava se era realmente a privação da mãe ou a má qualidade das instituições o que realmente poderia vir a comprometer o desenvolvimento infantil, pois as instituições que atendiam essas crianças funcionavam como meros depósitos, carentes desde a estimulação física, perceptual, cognitiva e afetiva até a própria alimentação.

Nesse contexto, caracterizado por uma multiplicidade de discursos sobre a separação mãe-bebê, emergem outras possibilidades para pensar essa questão, pautadas nas teorias do desenvolvimento de autores sócio-históricos, como Wallon (1975, 1995) e Bakhtin (1997). Partindo desses pressupostos, Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva, (2000) propõem o desenvolvimento humano como sendo:

“um processo que se dá, do nascimento à morte, dentro de ambientes culturalmente organizados e socialmente regulados, através de interações estabelecidas com parceiros, nas quais cada pessoa (adulto ou criança) desempenha um papel ativo.” (p.282)

Contrapondo-se à Teoria do Apego, essa concepção enfatiza não apenas uma única relação, mas o conjunto de relações/interações que a pessoa, desde o nascimento, vai estabelecendo no decorrer da vida. Essas relações são marcadas desde o início da vida pela emoção, o que nos leva a pensar que, ao invés da monomatria como Bowlby (1990) propõe, os vínculos vão sendo construídos no decorrer da vida humana de formas discriminadas e qualitativamente diferentes em termos de afetividade.

Além disso, um referencial sócio-histórico considera que concepções sobre bebê, mãe e seus papéis decorrem de construções históricas, sendo determinadas não só por aspectos biológicos,

naturais, mas pela especificidade de um contexto sócio-cultural que inclui aspectos físicos, pessoais, sociais, simbólicos...

Nesse sentido, pensar as separações mãe-bebê no desenvolvimento humano partindo de um referencial sócio-histórico, aponta-nos para, ao invés de um sentido determinado e naturalizado como propõe Bowlby (1990), uma multiplicidade de discursos; médico, psicológico, do senso comum e outros, que nos provê diferentes significações e possibilita a construção de diversos sentidos que emergem em uma relação mãe-bebê que, por sua vez, faz parte de uma rede social constituída por diversas outras relações.

Levando em conta essa multiplicidade de discursos e o processo contínuo de resignificação desses sentidos, traremos agora algumas noções teóricas dentro do referencial sócio-histórico de autores como Wallon (1975, 1995) e Bakhtin (1997) e da proposta teórico-metodológica da Rede de Significações a fim de que possamos olhar a questão da separação e dos diversos sentidos, a partir da análise de nossos dados à luz dessa perspectiva.

2. Em direção a uma perspectiva sócio-histórica para a análise do desenvolvimento humano

Tendo como objetivo apreender a complexa realidade do desenvolvimento humano, onde diversos aspectos e elementos envolvidos nesse processo estão em uma dinâmica contínua de transformação, Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000) apresentam, utilizando uma metáfora de *rede*, a proposta teórico-metodológica da Rede de Significações.

Retomando a definição de Desenvolvimento Humano apontada no capítulo anterior, entendemos que:

“O desenvolvimento humano é um processo que se dá do nascimento à morte, dentro de ambientes culturalmente organizados e socialmente regulados, através de interações estabelecidas com parceiros, nas quais cada pessoa (adulto ou criança) desempenha um papel ativo.” (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2000, p.282).

Dessa definição podemos identificar diversos elementos que participam nesse processo: pessoas (criança, mãe, pai, educadores...) que em interação constituem campos interativos (criança-mãe, criança-pai, pai-mãe, criança-pai-mãe...) e diversos contextos ou cenários onde ocorrem essas interações (casa, escola, trabalho...).

Esse conjunto de elementos está imerso e é significado em um determinado contexto sócio-histórico, denominado Matriz Sócio-histórica. Esta é constituída por elementos culturais, econômicos, políticos e ideológicos.

“Essa matriz, propicia e delimita interações, papéis disponíveis e significados culturais, os quais organizam e canalizam o desenvolvimento. Ela é, pois, constituída por instrumentos semióticos e técnicos que são apropriados pelas pessoas.” (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2000, p.284).

A matriz sócio-histórica é constituída por uma multiplicidade de discursos, convergentes e divergentes entre si, que caracterizam seu caráter polissêmico. Como exemplo, podemos citar a questão do cuidado infantil que é marcada por essa multiplicidade de discursos que proverá para as pessoas um conjunto de possibilidades que serão negociadas e construídas nas situações interativas (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2000).

Pessoas, campos interativos, cenários e matriz sócio-histórica estão dialeticamente relacionados e estruturam *redes de significações*. Configura-se para cada pessoa uma rede de significações, pois para cada uma estarão sendo diferentemente recortados elementos, experiências e construídos diferentes significados no decorrer do processo de desenvolvimento.

“Esta rede estrutura um ‘meio’ que, a cada momento e em cada situação, captura e recorta o fluxo de comportamentos dos sujeitos, tornando-os significativos naquele contexto, constituindo-se como mediadora do desenvolvimento, simultaneamente de cada um e de todos os participantes envolvidos.” (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2000, p.290)

Esta ‘captura’ se faz diferentemente para cada sujeito presente naquele ambiente, fazendo emergir a partir das interações pessoa-meio diversos sentidos e significações possíveis a depender do contexto sócio-histórico e, particularmente, dos papéis que a pessoa assume e/ou são atribuídos a cada momento nas situações interativas.

2.1 A interação dialógica

A proposta teórico-metodológica da Rede de Significações baseia seus pressupostos, em um referencial sócio-histórico de desenvolvimento humano. Alguns autores são considerados interlocutores bastante significativos no processo de construção dessa perspectiva teórica, dentre eles podemos citar Wallon (1975, 1995). Além desse, a noção de dialogia proposta por Bakhtin (1997) possibilita elementos importantes para pensar o processo de construção da pessoa como ser histórico e cultural.

Ao nascer, o bebê humano é caracterizado por uma incompletude motora que o coloca em uma situação de extrema dependência em relação a um outro ser humano. Wallon (1975) aponta essa relação necessária à sobrevivência humana e, ao mesmo tempo, caracteriza a base do desenvolvimento humano, a interação eu-outro:

“É-lhe (ao recém-nascido) indispensável uma assistência de todos os instantes. Ele é um ser cujas reações precisam ser completadas, compensadas, interpretadas. Ele próprio, incapaz de fazer qualquer coisa, é manipulado pelos outros, e é nos movimentos dos outros que as suas primeiras atitudes vão tomar forma.” (p.153).

O bebê humano precisa do outro como seu parceiro em uma relação que vai mediar o seu contato com o mundo e com os objetos. O eu, desde o início, vai sendo constituído na interação com o outro, fato que caracteriza o ser humano como essencialmente social. Isto é, através e graças à interação social é que se constitui a especificidade da espécie humana. *“O indivíduo, se se compreende como tal, é essencialmente social.” (Wallon, 1975, p.159).*

Nessa interação, chamada por Wallon (1975) de diálogo, o bebê é um parceiro ativo. Para esse autor, a primeira atividade eficaz do bebê é mobilizar o outro para a satisfação de suas necessidades. *"Os primeiros gestos que são úteis à criança não são gestos que lhe permitirão apropriar-se dos objetos do mundo exterior ou evitá-los; são gestos para as pessoas, são gestos de expressão."* (p.205).

Nesse sentido, Wallon (1975) chama atenção para a questão do meio social que é constitutivo desse processo e enfatiza: *"A constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência, donde a escolha pessoal não está ausente."* (p.165).

Bakhtin (1997) também aponta o meio social como elemento constitutivo da pessoa e do mundo humano:

"Os processos que, no essencial, determinam o conteúdo do psiquismo, desenvolvem-se não no organismo, mas fora dele, ainda que o organismo individual participe deles.(...) O psiquismo subjetivo é o objeto de uma análise ideológica, de onde se depreende uma interpretação sócio-ideológica. O fenômeno psíquico, uma vez compreendido e interpretado, é explicável exclusivamente por fatores sociais, que determinam a vida concreta de um dado indivíduo, nas condições de um meio social." (p.48).

Para Bakhtin (1997), o diálogo eu-outro é o que constitui a consciência humana, caracterizando uma concepção dialógica da vida humana. Sem o outro, o homem não se humanizaria e seria apenas algo da ordem do bio-fisiológico, e não o ser sócio-político que o é.

Temos então como base para uma definição de desenvolvimento humano a questão da interação dialógica eu-outro. Essa questão é apontada por Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000):

“No processo interativo, portanto, o conjunto das ações possíveis de serem realizadas e o fluxo dos comportamentos são delimitados, estruturados, recortados e interpretados pela ação do outro e, também, por um conjunto de elementos orgânicos, físicos, interacionais, sociais, econômicos e ideológicos. Todos eles interagem dinâmica e dialeticamente, compondo uma rede, a qual contempla condições macro e micro-individuais e estrutura um universo semiótico, constituindo o que vimos denominando de rede de significações.”
(p.282).

Baseando-se nas concepções de diálogo eu-outro, em Wallon (1975, 1995), e de dialogia, em Bakhtin (1997), a proposta teórico-metodológica da Rede de Significações recupera o conceito de papel/contra-papel para pensar a interação humana, levando em conta uma perspectiva dialética e histórica.

No campo de conhecimento da Psicologia, e particularmente da Psicologia Social, o conceito de papel acabou por adquirir o significado de *modelos sociais e prescrições*, sendo alvo de críticas por não captar a dinamicidade e fluidez do processo interacional (Oliveira, 1998). Dessas críticas, outras terminologias vêm sendo propostas como alternativas ao termo papel. Dentre elas, podemos citar a proposta de posição e posicionamento (Davies & Harré, 1990; Harré & Langenhove, 1991).

Oliveira (1998), ao optar por trabalhar com as noções de papel/contra-papel, recupera nas obras de Vygotsky e Wallon uma leitura sócio-histórica e dialética que concebe a relação papel/contra-papel enquanto ação partilhada em contextos sócio-históricos, indo além de uma leitura cristalizada e individualista que se constituiu na história da psicologia.

A proposta teórico-metodológica da Rede de Significações propõe que a interação eu-outro se caracteriza por ser uma relação social que é continuamente co-construída, onde as ações são interdependentes e partilhadas pelas pessoas. Essas ações são culturalmente recortadas e significadas com base nos elementos que constituem a matriz sócio-histórica e, mais especificamente, a rede de significações de cada um dos envolvidos na situação interativa.

Esse processo de recorte e significação de um e outro parceiro de interação constitui uma coordenação de papéis que é construída na dinamicidade da interação. Isto é, *“essas ações são articuladas através da coordenação de papéis, que envolve ações culturalmente recortadas, as quais constituem papéis relacionados a contra-papéis, que podem ser assumidos, negados e/ou recriados pelos participantes.”* (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2000, p.282).

Ilustrando esse jogo de papéis, Oliveira e Rossetti-Ferreira (1993) apontam:

“... estender um objeto em direção ao parceiro significa ‘dar o objeto’ se o parceiro toma o objeto com as mãos, aceitando a oferta que supôs implícita. O mesmo gesto pode significar ‘trocar objetos’ se o parceiro, enquanto toma o objeto estendido, lhe oferece outro objeto. Ele pode também significar ‘um convite para uma brincadeira simbólica’ se o parceiro cai no chão fingindo ter sido morto por uma arma imaginária.” (p. 65).

A coordenação de papéis também pode ser caracterizada tomando-se como base as noções fusão-diferenciação eu-outro presentes na teoria walloniana. Para esse autor, a fusão, suscitada pelo predomínio da emoção, caracteriza-se por um estado de indiferenciação relativa do eu e do não-eu e por uma imitação/identidade de reações (Wallon, 1995). Imersa na situação interativa e fundida com o meio humano, a pessoa apreende gestos, significações, representações e papéis presentes/constituintes de seu contexto sócio-histórico, para a partir daí, (re)construir esses elementos a partir de seu lugar, enquanto pessoa diferenciada.

Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000) incorporam essas noções em uma definição de desenvolvimento humano:

“Esse processo (de desenvolvimento) se faz através da articulação entre a imitação de modelos (fusão, repetição de ações) e o confronto entre eles (diferenciação, criação), interligados às necessidades, aos sentidos e às representações de cada pessoa.” (p.283).

O movimento dialético fusão-diferenciação implica à coordenação de papéis um estado constante de tensão e conflito, devido a constante negociação de discursos, papéis e ações.

“...na interação humana, os papéis são desempenhados, confrontados e coordenados pelos participantes, que simultaneamente têm que negociar o referencial cultural trazido à situação por suas ações e as posições que nela adotam, um em relação ao outro.” (Oliveira & Rossetti-Ferreira, 1993, p.65).

A matriz sócio-histórica provê o referencial cultural, no qual estão presentes concepções cristalizadas, por exemplo, a de maternidade. A situação interativa é elemento fundamental para a construção do jogo dialético papel/contra-papel. Nesse jogo, concepções e representações de mãe serão recortadas e significadas diferentemente para cada pessoa, família e situação. Isto é, nessa perspectiva o papel de cada mãe será constituído diferentemente, a partir da história social e familiar de cada pessoa e não será cristalizado em um formato de o ‘papel de mãe’ é esse ou aquele, tal como propõe a teoria do apego de Bowlby (1990).

Assim, a separação mãe-bebê será significada na situação de interação a depender das pessoas e de suas emoções, necessidades e experiências e do contexto sócio-histórico em que

ocorre. Diversos sentidos poderão emergir e estes serão negociados na atualidade e contingência do jogo de papéis.

2.2. A construção de sentidos

“Não há nada na composição do sentido que possa colocar-se acima da evolução, que seja independente do alargamento dialético do horizonte social. A sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo. É por isso que a significação, elemento abstrato em si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias.”
(Bakhtin, 1997, p.136).

A sociedade humana é caracterizada por marcas do seu processo de construção histórica e econômica. Essas marcas constituem o horizonte social de dada época, grupo, indivíduos e relações. Nessa especificidade social emergem os signos.

Para se tornar signo é preciso que, por exemplo, um corpo físico ultrapasse suas próprias particularidades, ou seja, *“sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade.”* (Bakhtin, 1997, p.31).

Outra importante característica do signo é que ele emerge no processo de interação social e não do livre arbítrio individual. Para ser signo, o ‘objeto’ precisa funcionar como elemento de comunicação (ter valor semiótico) entre as pessoas daquele grupo social e ideológico.

Fazendo parte de um meio ideológico, o signo fica sujeito a critérios de avaliação ideológica, isto é, passa a comportar índices de valor do grupo. Torna-se então característica básica do signo o fato de que

“...em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta plurivalência social do signo ideológico é um traço da maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir.” (Bakhtin, 1997, p.46).

Outra característica que podemos apontar é que o signo é algo de material, de concreto; e não apenas um reflexo da realidade. Ele tem uma encarnação material, que pode ser desde um som, um movimento corporal, a uma coisa qualquer. A palavra também é considerada como sendo um signo; aliás, *“A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo”* (Bakhtin, 1997, p.36).

Posta a questão da materialidade do signo, passemos agora à questão da significação. Bakhtin (1997) considera a significação como sendo a função do signo:

“A significação constitui a expressão da relação do signo, como realidade isolada, com uma outra realidade, por ela substituível, representável, simbolizável. A significação é a função do signo; eis porque é impossível representar a significação (enquanto propriedade puramente relacional, funcional) à parte do signo, como algo independente, particular. Isso é tão inexecutável como considerar a significação da palavra cavalo como sendo o cavalo particular que tenho diante dos meus olhos...” (p.51).

A significação é “*o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro*” (Bakhtin, 1997, p.132), ou melhor, ela utiliza-se da realidade material do signo para efetivar-se. A significação não existe em si mesma, ela é apenas um "potencial", algo que pode vir a se realizar em uma situação concreta. Essa situação concreta nos aponta para uma outra noção que Bakhtin (1997) traz a fim de entender o signo: o tema.

O tema de uma enunciação é a expressão da situação histórica concreta que deu origem a esta. O tema é único, individual e não reiterável, ele é o sentido da enunciação.

“A enunciação: ‘Que horas são?’ tem um sentido diferente cada vez que é usada e também, conseqüentemente, na nossa terminologia, um outro tema, que depende da situação histórica concreta (histórica, numa escala microscópica) em que é pronunciada e da qual constitui na verdade um elemento.” (Bakhtin, 1997, p.128).

É importante ressaltar que, por ser determinado pelo contexto em que ocorre a enunciação, o sentido é caracterizado pela multiplicidade, sendo assim, podemos dizer que a multiplicidade de temas possibilita a multiplicidade de significações. Serão tantas significações possíveis, assim como são possíveis tantos contextos. *“A mudança de significação é sempre, no final das contas, uma reavaliação: o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto apreciativo para outro.”* (Bakhtin, 1997, p.135).

Objetivando a análise do desenvolvimento humano, a perspectiva da Rede de Significações aproxima-se da teoria bakhtiniana quanto a forma de conceber o processo de significação e de construção de sentidos. Observa o sentido, enquanto constituído na atualidade da situação de interação social, e a multiplicidade de discursos, de contextos e de significações que compõem a matriz sócio-histórica e constituem a rede de significações de cada pessoa.

2.3. As noções de Tempo na Rede de Significações

Nessa direção, a perspectiva da Rede de Significações incorpora, em suas concepções, a noção de tempo de Spink (1999), para a qual, três tempos, o presente, o vivido e o histórico, devem ser considerados. Tendo em vista o objetivo de análise do desenvolvimento humano em seus diversos aspectos, um quarto tempo de orientação futura foi proposto e incorporado à teoria. Temos então:

1) O tempo presente ou microgenético: é o tempo do aqui-e-agora que é constituído pelas situações interativas face-a-face. Os outros tempos presentificam-se neste, ativando as diversas vozes e discursos que constituem a rede de significações dos participantes diretamente envolvidos naquela interação. *“Constitui o nível dialógico das práticas discursivas intersubjetivas. Nestas, o fluxo de comportamento de cada pessoa é recortado e interpretado pelas ações verbais e não-verbais dos outros, através das posições, perspectivas e papéis / contra-papéis mutuamente atribuídos a / assumidos por, nas interações sociais estabelecidas.”* (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2000, p.282).

2) O tempo vivido ou ontogenético: é constituído pela trajetória de experiências da pessoa no decorrer da vida. *“Refere-se a vozes evocadas em nossas práticas discursivas. Elas são socialmente construídas, durante os processos primário e secundário de socialização, sendo compartilhadas pelos parentes, amigos e colegas que passaram por experiências e contextos similares.”* (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2000, p.283).

3) O tempo histórico ou cultural: constitui a Matriz Sócio-histórica. *“... é o locus do imaginário cultural, socialmente construído durante certo período. É a escala de tempo das formações discursivas e ideológicas. Elas compõem a rede coletiva de significações disponíveis para dar sentido aos vários fenômenos de nosso mundo.”* (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2000, p.283).

4) O tempo prospectivo ou orientado para o futuro: baseia-se nos três tempos anteriormente apontados. É constituído pelas expectativas, antecipações e planos individuais e coletivos, que funcionam como delimitação para as ações e interações entre as pessoas. É o lugar onde proposições e metas são criadas, levando em conta as configurações de rede de significações de cada um, que são dadas pela interação dos outros três tempos (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2000).

Esse processo de construção de sentidos segue uma dinâmica onde os quatro tempos anteriormente citados fazem-se presentes. Segundo Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000), “*O processo de desenvolvimento se dá através da dinâmica segmentação e unificação de fragmentos de experiências passadas, percepções do momento presente e projeção de perspectivas futuras.*” (p.283)

Nessa direção teórica e metodológica, seguiremos na análise e construção do corpus desta pesquisa atentando para a multiplicidade de discursos presentes em nossa matriz sócio-histórica no que diz respeito aos eventos de separação mãe-bebê. A teoria do apego, ao conceber a separação mãe-bebê como fator de risco ao desenvolvimento humano, naturaliza e uniformiza esses eventos como sendo de caráter negativo. Diferentemente, uma perspectiva sócio-histórica do desenvolvimento possibilita, a partir de uma visão dialética, identificar a multiplicidade de sentidos, contraditórios ou não, que emerge na construção da relação mãe-bebê em determinados contextos interacionais.

3. Objetivo da pesquisa

Identificar, a partir de elementos do discurso de uma mãe, possíveis sentidos relacionados a eventos de separação, que permeiam sua relação com o bebê. Busca-se compreender como estes vão constituindo o papel dessa mãe que, contrariamente à visão naturalizada da Teoria do Apego, vai se construindo na especificidade do seu contexto sócio-cultural e das situações interativas em que os parceiros da díade estão inseridos.

4. A construção do corpus

4.1 A escolha dos participantes

Os participantes dessa pesquisa foram escolhidos com a ajuda de um médico-obstetra, que selecionou dentre suas pacientes aquelas que tinham a intenção de colocar seu bebê na creche e que se disponibilizaram a participar do estudo.

Iniciamos a pesquisa acompanhando duas famílias. No decorrer do processo, devido à mudança de uma das famílias para um outro país, acabamos por ficar com a família de Beth/mãe e Júlia/bebê como participantes da pesquisa.

4.2 Os participantes do estudo

Beth, 33 anos, é psicóloga, faz pós-graduação na área e trabalha como funcionária pública. Desde os 14 anos de idade mora em cidade diferente da família. Esta é composta por seu pai, sua mãe e seu irmão, que é casado e tem filhos. Até a gravidez e durante esta, Beth morou sozinha.

Júlia é sua primeira filha.

Paulo é namorado de Beth e pai de Júlia.

D. Rosa é mãe de Beth, mora em outra cidade mas com o nascimento de Júlia passou períodos na casa de Beth assumindo parte dos cuidados da nenê.

Lúcia foi contratada por Beth para realizar os serviços domésticos e ajudar Beth nos cuidados de Júlia.

4.3 Os procedimentos

Para construir nossa base de dados, utilizamos os seguintes procedimentos*:

- 1) Entrevistas semi-estruturadas realizadas com a mãe da bebê, gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas e arquivadas em computador.
- 2) Observações do bebê em casa, com duração aproximada de 1 hora, registradas em diário de campo, o qual inclui observações referentes ao contexto familiar. Os registros são redigidos em caderno imediatamente após os momentos de observação.
- 3) Gravações em vídeo e observações do bebê no decorrer do período de inserção da família na creche.

4.4 O (um) recorte dos dados

A partir do material registrado começamos a pensar como viabilizaríamos sua análise, pois nos deparamos com um grande volume de dados.

Para essa pesquisa de mestrado, optamos por trabalhar com o material de quatro entrevistas. Os registros em diário de campo fundamentaram a contextualização dos cenários casa e creche. Dessa forma, as entrevistas foram focalizadas prioritariamente nessa pesquisa e o diário de campo constituiu um background que nos possibilitou apontar elementos de nossas impressões sobre os diversos momentos que compõem o estudo, inclusive, orientando a escolha dos temas presentes nos roteiros de entrevistas.

* A organização dos procedimentos pode ser visualizada em tabela no Anexo 1.

Desde o projeto inicial da pesquisa, sugerimos a divisão em alguns momentos do que viria a ser acompanhado por nós: momento 1, o pré-natal; momento 2, o parto; momento 3, os primeiros meses de vida do bebê e momento 4, o período de inserção da família na creche.

A fim de organizarmos a pesquisa, e principalmente delimitarmos períodos para a realização das entrevistas, mantivemos essa divisão. A configuração dos momentos e as entrevistas relativas a estes, ficou da seguinte forma:

- 1) Os momentos pré-natais/Entrevista do dia 24/nov/98.
- 2) Momentos iniciais da família após o nascimento de Júlia/Entrevista do dia 05/fev/99.
- 3) Júlia em casa: os primeiros meses da família/Entrevista do dia 15/abr/99.
- 4) A entrada de Júlia e sua família na creche/Entrevista do dia 08/set/99.

Além disso, os trechos das entrevistas foram selecionados seguindo uma dinâmica de incluir aquelas falas que consideramos importantes e relacionadas ao tema da pesquisa e excluir aquelas que, além de não estarem diretamente ligadas ao tema separação, poderiam vir a comprometer o compromisso de sigilo estabelecido com a participante no início da pesquisa.

4.5 A realização das entrevistas

A utilização de técnicas de entrevista faz parte de diversas áreas da psicologia, seja no campo da pesquisa ou da atuação profissional. No campo da pesquisa, a diversidade de modelos (estruturadas, semi-estruturadas e outros) e, principalmente, o objetivo e a linha da pesquisa em que essa técnica de coleta de dados se insere, torna ainda mais complexa e ampla sua definição. Isto é, falar em entrevista é falar de entrevistas!

Sendo assim, uma questão que permeou esta pesquisa foi: qual a especificidade da entrevista enquanto procedimento de construção de uma base de dados, em uma proposta como a

da Rede de Significações? De outra forma, que tipo de entrevista satisfaz esse modelo teórico-metodológico?

Nessa direção, coloca-se a necessidade de refletir sobre os procedimentos utilizados na construção do *corpus*, no caso as entrevistas, observando de que forma foram realizadas e suas especificidades no decorrer desta pesquisa.

As entrevistas foram organizadas de forma a abarcar temas específicos dos períodos em questão. Estes foram investigados de forma mais ampla, caracterizando um modelo de entrevista semi-estruturada. Buscamos identificar questões que instigassem e dessem possibilidade para a participante falar mais livremente, não se prendendo a um roteiro fixo de questionário.

Sendo entrevista semi-estruturada, buscou-se de certa forma possibilitar uma escuta flutuante, abrindo espaço para que a participante pudesse trazer, não só relatos de fatos, mas em muitos momentos, sentimentos, angústias, medos, alegrias e emoções que permearam os acontecimentos.

Além desses aspectos, devemos apontar o lugar da entrevista em um estudo de caso longitudinal. Para este, buscou-se resgatar o período do tempo vivido de uma mãe, que foi da gravidez ao 8º mês de vida do bebê, a partir de sua fala. No aqui-e-agora da situação de entrevista e dentro da especificidade da relação, procurou-se possibilitar que Beth construísse uma história do processo de vida pela qual está passando ou passou, resgatando elementos de seu tempo histórico e vivido.

Esses aspectos foram considerados a partir de uma concepção de entrevista tal qual nos propõe Pinheiro (1999) qual seja, “...a entrevista (...) ação (interação) situada e contextualizada, por meio da qual se produzem sentidos e se constroem versões da realidade.” (p. 186).

Aproximando-se dessa concepção de entrevista, a proposta teórico-metodológica da Rede de Significações propõe que “... o dado não é dado e, sim, resultado de um processo bastante

complexo de construção que ocorre na interação entre o pesquisador e o evento pesquisado.” (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2000, p.286).

Sendo assim, as entrevistas constituíram eventos de interação entre eu-pesquisadora e Beth-participante da pesquisa que, ocorrendo no tempo do aqui-e-agora, nos permitiram resgatar elementos dos tempos históricos e vividos dos parceiros de interação e a partir desses pôde-se construir a base de dados desse estudo.

Ao iniciarmos o processo de coleta de dados, podemos pensar em uma situação de papéis onde:

- O pesquisador está no papel daquele que solicita algo, no caso o saber sobre uma experiência de vida do participante.
- O participante, no papel daquele que tem algo a oferecer, o saber sobre suas experiências de vida.

Essa seria a situação das posições com que se iniciou a pesquisa. Contudo o movimento contínuo de negociação de papéis reconfigura esses lugares. Por exemplo, quando a participante, ao narrar suas experiências, solicita algo, mesmo que seja o espaço de escuta para elaboração, atribuindo ao outro o papel daquele que acolhe e é continente. Isto é, o sentido da situação é negociado e constitui-se a partir de sua funcionalidade para os parceiros em interação.

Sendo assim, esses dois personagens, pesquisador e participante, que constituem o cenário da entrevista de pesquisa, têm seus papéis definidos no aqui-e-agora da situação, e não a priori como se poderia pensar. A entrevista vai se dando na contingência das condições de produção daquela interação, funcionando como um espaço de elaboração e (re)construção de sentidos, para o participante e também para o pesquisador.

Não só a participante, mas também o pesquisador tem sua Rede de Significações continuamente impregnada e transformada pelo fazer da pesquisa. O tempo vivido e os elementos histórico-culturais do pesquisador fazem parte da construção dos dados. Em nosso caso, o papel de

pesquisadora em um contínuo processo de construção foi sendo ressignificado durante a realização do estudo e, especificamente, a cada entrevista.

Essa concepção de entrevista norteou todo o processo de coleta de dados, assim como a análise do material das entrevistas, tornando-se marca fundamental na construção desse estudo.

4.6 A análise das entrevistas

Tendo as entrevistas em mãos, partimos para o procedimento de análise. Podemos identificar as fases que seguimos nesse processo.

No período inicial de contato com os dados, após a finalização da coleta, foi feita uma leitura ampla e integral de todas as entrevistas. Ao comentar sobre esses momentos iniciais de interação do pesquisador com a situação pesquisada, Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000) apontam: *“É necessário um mergulho do pesquisador na situação, que lhe permita apreender os vários elementos envolvidos, propiciando-lhe uma visão panorâmica e um primeiro delineamento da rede de significações que pretende investigar.”* (p.284).

A partir dessa ampla leitura das entrevistas, pudemos selecionar trechos considerados bastante significativos a fim de podermos construir a partir de cada entrevista, um enredo, isto é, uma história do contexto familiar e do processo de construção daquela relação mãe-bebê.

Dentro dos enredos de cada entrevista (Os momentos pré-natais, momentos iniciais da família após o nascimento de Júlia, Júlia em casa: os primeiros meses da família e a entrada de Júlia e sua família na creche), foram selecionados aqueles trechos que consideramos mais específicos sobre o tema da separação mãe-bebê na construção da relação dessa díade. Neste momento pudemos mais claramente observar que mesmo ao recortar uma díade, outras díades aparecem e assumem seus lugares e papéis na rede de significações das pessoas.

Desse recorte pretendeu-se fazer figurar o tema que era o objetivo de nosso estudo, tendo como fundo todo o processo de análise que já vinha sendo feito desde os momentos iniciais de contato com as entrevistas, tal como propõe a Rede de Significações que busca *“apreender velhos e novos comportamentos e sentimentos que podem revelar a emergência de novos significados na co-construção de suas interações e desenvolvimento.”* (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2000, p.286).

Desde o momento da construção dos enredos de cada entrevista buscou-se identificar elementos de mudança e transição, assim como de repetição, nas falas de Beth, visando identificar nos diversos períodos, como o tema da separação foi ressignificado ou se manteve fazendo emergir sentidos novos ou velhos na rede de significações de Beth.

5. Apresentação e discussão dos dados

5.1 Os momentos pré-natais

A primeira entrevista com Beth, que foi também o nosso primeiro encontro, realizou-se em uma sala no seu ambiente de trabalho. Antes de iniciar a gravação da entrevista, entreguei a Beth uma carta de apresentação da pesquisa*. Conversamos sobre o objetivo e as atividades da pesquisa, como se dariam as entrevistas, as observações e a frequência destas. Beth confirmou sua disposição em participar do estudo e, a partir daí, iniciamos a gravação da entrevista.

Beth, que estava no 8º mês de sua gravidez ao falar sobre a história de sua gravidez, traz em seu relato que esta foi organicamente tranqüila, mas conturbada no que diz respeito ao aspecto emocional. Ela conta que a gravidez não foi programada ou planejada, mas aponta para uma contradição com relação a essa questão:

Fala 1.1:* “Bom, eu acho que eu sempre tive um desejo muito grande de ser mãe, já tenho sobrinhos, etc. E, só que assim, essa gravidez, ela não foi planejada, ela não foi programada, tá? Por outro lado fica muito estranho falar isso, porque eu e o pai da criança somos bastante adultos pra saber como evitar. Então, eu acho assim, foi um acaso programado.”

* A carta de apresentação (anexo 2), funcionou como uma solicitação do consentimento da participante, apresentação da pesquisa e os procedimentos para sua realização.

* A numeração das falas segue o seguinte esquema: o primeiro número indica a entrevista a que a fala se refere (por exemplo: o número 1 indica que a fala foi retirada da 1ª entrevista); o segundo número indica a ordem de aparecimento no texto de análise daquela entrevista.

A gravidez de Beth configurou-se como um momento de crise, onde a decisão de ter um filho foi permeada por conflitos e contradições. Nos primeiros momentos, desde o conhecimento da gravidez até a tomada de decisão em levar a frente a gravidez, Beth oscilou entre:

O seu desejo de ter filhos / A não aceitação de Paulo

O não planejamento da gravidez / A não evitação da gravidez

Esses elementos, o acaso e a programação, aparecem no discurso de Beth ao falar sobre a sua gravidez.

A perspectiva sócio-histórica do desenvolvimento humano nos aponta para o caráter dialético e contraditório presente nesse processo. *“Em uma interação, entretanto, dado o confronto de ações, emoções, motivações e significações dos diferentes participantes, o desenvolvimento se faz através de conflitos e crises, onde a contradição revela-se como parte integrante e fundamental no processo de constituição das pessoas e das situações”*.(Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2000, p.282).

Em um movimento dialético, Beth constrói um sentido para a sua gravidez. A partir de elementos contraditórios (acaso e programação), ela compõe uma síntese, o *acaso programado*, que dentro de seu contexto interacional coloca-se como um sentido possível à sua gravidez não planejada, porém desejada.

A gravidez fez emergir uma grande divergência na relação dela com o seu parceiro Paulo:

F. 1.2: *“Então, não foi muito fácil, né? Desde a constatação e houve uma divergência entre nós, como que a gente iria fazer, né? Se a gente iria até o fim, se interromperia. Enfim, então foi assim, um período muito difícil. Mas até que a gente decidiu levar em frente, e, mas assim, os primeiros meses foram caóticos.”*

Essa divergência, acompanhada do afastamento de Paulo, tornou mais crítico o período pré-natal de Beth. Nesse momento, o posicionamento de Paulo com relação à gravidez é causa de angústia e conflitos para Beth. Esse não-apoio à gravidez vai aparecer posteriormente em outras entrevistas como elemento na reconfiguração da relação afetiva do casal e na sua visão enquanto mãe, a respeito da construção da relação de Júlia/filha - Paulo/pai.

Além disso, a família de Beth, que não mora em sua mesma cidade, também no início não aceitou a idéia da gravidez, pois ela e Paulo não são casados e moram em casas separadas:

F. 1.3: *“(...)Eu acho que você tem uma fantasia, que a mulher grávida é algo mágico, é algo fantástico, mas na verdade não é. Principalmente no estado em que eu fiquei grávida. Eu não me casei, então, por exemplo, a minha relação com a minha família ficou... é conturbada, né? Principalmente no início. É... a relação com meu parceiro, então assim, é complicado, né? Eu acho que além de todas essas coisas fisiológicas, orgânicas, eu acho que eu tive toda uma questão social que eu tive que, que tratar. De aceitação da minha família e da minha relação com o meu parceiro, que foram né? As rejeições que eu tive. E da minha própria rejeição, porque não? Sabe, é difícil você falar “Vou, não vou”.Né? Então, o, o início da gravidez foi, pra mim foi bem terrível.”*

O contexto sócio-histórico em que estamos inseridos provê-nos de uma multiplicidade de discursos, onde alguns se colocam como dominantes. Em nossa sociedade, mesmo com as diversas transformações que podem ser observadas na estrutura da família, ainda é bastante forte a concepção de família nuclear em que pai, mãe e filhos moram na mesma casa. Nesse sentido, as concepções decorrentes da Teoria do Apego, juntamente com interesses sócio-econômicos

principalmente aqueles ligados à manutenção da mulher fora do mercado de trabalho, corroboram para uma crença naturalizada de família nuclear onde os papéis ser mãe, ser pai estão claramente estabelecidos.

A gravidez de Beth confronta-se com esse discurso dominante, que parece mobilizar as expectativas de sua família. Essa interação **Beth/grávida-Família** estabelece um confronto de expectativas, sentimentos, emoções e faz emergir reações. Estas são faladas por Beth e significadas como reações de rejeição em seus pais, no parceiro e na própria Beth que acaba por apontar o seu sentimento de ambivalência e a sua hesitação entre **vou/não vou** deixar que a gravidez prossiga.

A fala de Beth nos aponta para um processo de ressignificação de concepções e construção de novos sentidos sobre a gravidez. Antes de engravidar, contando com elementos de seu contexto histórico e concepções imaginárias sobre o que era ficar grávida, Beth considerava a mulher grávida como sendo algo *mágico* e *fantástico*. Contudo a especificidade do seu contexto interacional e os diversos conflitos que emergiram a partir deste, fazem emergir novos sentidos para o fato *ficar grávida*. No decorrer do processo de construção desse novo papel **Beth/grávida**, ela vai ressignificando suas concepções constituídas em seu tempo vivido e aqui representadas pelas suas *fantasias* e constituindo o lugar de uma gravidez vivida e significada no aqui-e-agora como um período *complicado* e, em alguns momentos, *terrível*.

Sobre o decorrer da gravidez, Beth relata que seus sentimentos e as relações com sua família foram se estabilizando:

F.1.4: *“Aí depois não! Depois, dá uma estabilizada. Acho que a hora que você começa a engordar e as coisas vão acontecendo, né? Paralelamente, a família já começou a aceitar melhor, o parceiro nem tanto, mas enfim, né? Cê já começa a se acostumar. E aí, a, o foco, né? Da gravidez passa a ser você e a criança e as outras coisas ficam mais, tipo assim,*

depois que eu me convenci mesmo 'Não, eu quero, eu tô curtindo', essas outras coisas eu dei menos importância, entendeu? Então ficou tranquilo."

À medida que vai se desenvolvendo a gravidez e os sinais desta começam a se mostrar mais evidentes (barriga crescendo, Beth engordando...), Beth vai tomando consciência de sua condição, a de mãe. Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000) usam uma metáfora de figura e fundo para caracterizar o jogo dialético do desenvolvimento humano, isto é, *"A cada momento e situação, um elemento se destaca em figura e, pela estrutura em forma de rede, todo o sistema e seus vários elementos rearticulam-se, reestruturando suas significações."* (p.285).

Nesse jogo de figura e fundo, os sinais no corpo de Beth vão se tornando mais evidentes e tornam-se **figura** em sua Rede de Significações, funcionando como elementos que provocam reorganizações na interação de Beth com os outros e na construção desse novo papel, **Beth/mãe**.

Vale chamar atenção para este fato, pois esse processo de construção de papel não é algo exclusivamente individual, e sim dialógico. Uma condição que poderia se pensar a princípio puramente biológica (engordar, crescer a barriga), aparece e é falada, significada pelo conjunto de pessoas com as quais Beth convive. Constitui-se assim como um fato social que possibilita para Beth e os seus parceiros de interação ressignificar essa gravidez.

A característica dinâmica do processo de desenvolvimento, e a situação de crise desencadeada por essa gravidez, vêm possibilitando para Beth e seus parceiros de interação a construção de novos sentidos e significações. O período da gravidez dá o tempo para a família de Beth ressignificar suas concepções e reformular suas posições. Isso não quer dizer que o conflito deixa de existir. Os discursos sobre a família, contraditórios ou não, continuam a existir na matriz sócio-histórica em que está inserida essa família e na rede de significações de cada um dos componentes familiares.

Essa co-existência, essa multiplicidade de discursos continua a mobilizar o processo de construção das pessoas e de seus **papéis-contra/papéis** nos contextos interacionais. Contudo, agora, outros elementos na Rede de Significações dos participantes da família de Beth são recortados e outros discursos passam a ser destacados como figura.

O movimento de figura-e-fundo aparece na fala de Beth apontando as circunstâncias que no início eram motivo maior de sua atenção e preocupação: as reações negativas e sua relação com o parceiro e a família dela. Com o evoluir da gravidez, estas passam a ser de menor importância frente a sua relação com o bebê. Até então estava em jogo, de forma mais evidente, a negociação com seus parceiros de interação e a reconfiguração de seus outros papéis de namorada, mulher, filha e profissional.

Sobre o seu trabalho, Beth descreve sua situação e aponta o lugar da gravidez nessa esfera:

F.1.5: “Mas assim, em termos da minha carreira profissional, eu considero que eu tô no ápice e num, num, assim, estável. Então, tanto salarialmente falando, por isso que eu acho que eu, eu não tinha motivo pra não ter o nenê(...) Que eu adoro trabalhar, eu adoro, tive muito apoio do, dos colegas de trabalho, né?(...) A única coisa é a minha carreira acadêmica, que tá conturbada, porque eu tô, meu prazo, né? Tá meio que esgotando. Então só assim, em termos da minha carreira acadêmica que caiu meio fora de hora.”

Beth reflete sobre seus vários papéis e os coloca compatíveis com a sua gravidez. **Beth/profissional** é um dos aspectos que é considerado por ela como em um *ápice* e *estável*. A **Beth/profissional**, ao mesmo tempo em que pela sua estabilidade diferencia-se dos outros papéis de Beth (**Beth/mulher**, **Beth/filha**, **Beth/acadêmica**...) que estão em um significativo processo de reconstrução e pode-se dizer de instabilidade, possibilita o suporte para esse processo. Ou melhor,

seu contexto de trabalho provê tanto o suporte econômico para a opção de Beth pela maternidade, quanto provê o suporte afetivo que é possibilitado, em grande parte, pelos amigos de seu trabalho, pois são eles que vêm promovendo algum apoio para Beth desde o início da gravidez.

Sobre o desenvolvimento e as expectativas com relação ao bebê, Beth comenta:

F.1.6: *“...mas enfim, eu acho que... cê vai, assim, tendo consciência que já tem uma criança, agora, a expectativa minha em relação ao desenvolvimento, como ela tá indo, antes eu encanava muito assim ‘Será que meu estado de espírito interfere no, também no dela?’ Coisas que cê lê tipo assim, se um dia eu tô triste, tadinha o nenê vai sofrer porque ela também vai ficar triste. Acho que pinta umas dúvidas dessa também. Tipo assim, até, cê tem uma pessoa dentro de você. Agora, até que ponto aquela pessoa é ela e você é você? Né? Bem coisa de psicólogo (risada). Então eu acho que isso é meio difícil, você encarar em termos de desenvolvimento, né? É muito difícil você, porque de repente ela tá dentro do meu organismo, então será que tudo que eu tô fazendo, tá sendo, ela vai desenvolver bem? Por exemplo, eu fumo. Não consegui parar de fumar durante a gravidez. Então de vez em quando me bate umas culpa. E se me acontece alguma coisa com ela, entendeu? Por outro lado eu falo, ‘Ah, vai ser menos ansiosa’, né? Porque daí eu fumando diminuo minha ansiedade (risada), ela também fica menos ansiosa. Então essa confusão de duas pessoas, né? É complicado. Agora, vai chegando nesse finalzinho é engraçado porque te dá um alívio, ao mesmo tempo que eu acho que vou sentir saudade de saber que ela tá aqui, tá dentro da minha barriga, eu já tô sonhando com as minhas roupas que eu usava antes, de eu poder deixar com a avó e ir tomar uma cervejinha, sabe assim? (risada). Saber que vão ser duas pessoas que vão ter suas escolhas, as suas opções, né? Eu pretendo, em termos de mãe, fazer mais ou menos assim.”*

A situação de gravidez coloca mãe e bebê em uma situação de simbiose fisiológica, como definida por Wallon (1975). Para este autor, desde o período fetal cria-se entre mãe e bebê um tipo de relação onde a criança começa a receber tudo da mãe, ao mesmo tempo em que se organiza como “...um pequeno ser no ventre da mãe.” (Wallon, 1975, p.204).

Essa situação de simbiose fisiológica faz emergir em Beth sentimentos de *(con) fusão* no que diz respeito aos limites de sua pessoa e de seu bebê. Nessa interação constante **Beth/mãe-Bebê/nabarriga**, Beth associa seus sentimentos e suas ações em termos de causa e efeitos em seu bebê. Nesse sentido, podemos apontar para uma fusão que se estabelece, por exemplo, **Beth-está-triste/Bebê-fica-triste**, **Beth-que-fuma/Bebê-que-sofre-os-efeitos-do-cigarro**.

Ao mesmo tempo, mesmo nessa confusão, Beth diferencia que são duas pessoas, ela mais uma pessoa que está dentro dela, mas que não é ela. Resta saber, *até que ponto aquela pessoa é ela e você é você?*

Só com a separação física, que será efetivada pelo nascimento, essa pergunta poderá ser respondida. Pois, apesar da saudade que ela acha que vai sentir de ter seu bebê em sua barriga, a necessidade de resgatar aspectos da **Beth/antes-da-gravidez**, *eu já tô sonhando com as minhas roupas que eu usava antes*, e uma preocupação de **Beth/mãe**, que pretende *fazer mais ou menos assim*, indicam a necessidade de construção de uma posição de independência e de diferenciação entre as duas pessoas Beth/mãe e Júlia/filha.

Nesse período pré-natal, alguns sentidos vão sendo construídos por Beth ao falar sobre a sua relação com seu bebê. Dentre esses sentidos, o lugar das separações aparece para ela enquanto mãe como bastante importante, principalmente, ao pensar o processo de diferenciação entre ela e seu bebê. De um lado, surgem sentimentos de saudade daquele estado de simbiose fisiológica que caracteriza a gravidez, onde seu bebê está dentro dela e depende totalmente para sobreviver dessa

relação. Por outro lado, há o alívio, pois somente separadas essas duas pessoas vão poder fazer opções, diferentes inclusive.

Nesse momento queremos apontar uma questão importante na construção do campo interacional entre **Eu/entrevistadora** e **Beth/entrevistada**. Podemos observar que há a negociação de posições entre os dois parceiros dessa interação. Beth dirige a sua fala para uma pesquisadora-psicóloga e se posiciona como uma pessoa que também usa elementos do campo de saber da psicologia.

Beth posiciona seu discurso dentro de um determinado *domínio de saber* (Spink, 1999): o da psicologia. Esse discurso define determinados assuntos e termos a serem falados, inclusive, estrutura de determinada forma o discurso e a narrativa, levando-a a refletir sobre a sua relação com o bebê. **Beth/psicóloga** fala de sentimentos de fusão e diferenciação que percebe entre ela e o bebê para **Marisa/psicóloga**.

Diante da pergunta sobre os sentimentos e as expectativas com relação ao desenvolvimento do bebê, Beth responde:

F.1.7: *“E a expectativa de desenvolvimento também, eu acho que ela tá baseada muito nas experiências de infância. Eu tive uma infância super feliz, eu adorei a minha infância. Então às vezes eu me pego recordando de brincadeiras que eu quero ensinar pra ela.(...) Então eu acho assim, acho que eu vou repetir alguns padrões, né? Que eu aprendi, porque a minha infância foi muito gostosa. Então o próprio fato de eu querer que ela vá pra creche, porque eu sinto o que eu conheço da creche. Então eu acho que é uma coisa boa pra ela,né? Mas sempre, porque eu sou, desde dos, faz 14 anos que eu to aqui, e eu desenvolvi assim uma vida muito independente. E eu acho que eu quero transmitir isso pra ela porque eu acho que foi legal.”*

No processo de construção de seu papel de mãe, Beth atribui grande importância à influência do tempo vivido. Resgata esse tempo trazendo recordações agradáveis de sua infância e adolescência que ela gostaria de repetir com a filha. Essa idéia de repetição vem acompanhada de uma idéia de independência. Beth quer repetir porque acredita que certas coisas que foram a possibilidade dela desenvolver uma *vida muito independente*, provavelmente também serão para sua filha.

Ao se referir ao parto, Beth narra uma experiência de sua vida para mostrar a importância que este evento estabelecerá na sua relação com o bebê:

F.1.8: *“Porque eu acho, eu, eu, por exemplo eu já vi o meu sobrinho, o mais velho quando nasceu, é, a gente tinha toda aquela expectativa, foi o primeiro sobrinho, primeiro neto, etc. Hora que nasce, cê olha é uma criança que cê nunca viu na tua vida! Entendeu? (risada) Então eu acho que eu vou olhar, vou falar uai ‘Prazer’, entendeu? ‘Eu sou Beth, você é a Júlia, vâmo começar’.”*

Partindo de uma situação já vivenciada, o nascimento do sobrinho, Beth resgata essa experiência vivida e a ressignifica no aqui-e-agora de sua realidade. Nesse momento, Beth resume a especificidade atual da sua relação com o bebê, **Beth/mãe-Bebê/imaginado-e-desconhecido**. O parto constitui um sentido em sua Rede de Significações de marco inicial de uma nova fase na relação mãe-bebê. Só a partir dele que ela iniciará, não mais imaginariamente, mas concretamente a relação **Beth/mãe-Júlia/real**. Ele inclusive constituirá para Beth o momento em que esse bebê será nomeado por ela (*você é a Júlia*), a diferenciação será estabelecida (*Eu sou Beth*) e uma nova fase nessa relação de duas pessoas diferentes poderá se iniciar: *vâmo começar*.

Esse período pré-natal é fortemente marcado pela reorganização das diversas interações e papéis entre Beth e seus parceiros e pela construção tanto de seu novo papel (Beth/mãe) como da relação Beth/Júlia. Até agora nenhum evento de separação pôde ser vivenciado por Beth e Júlia, mas a iminência dessa separação com o parto e outras situações já faz emergir nessa mãe diversos sentimentos e o processo de elaboração de possíveis sentidos para a separação, que foram apontados no decorrer dessa análise.

5.2 Momentos iniciais da família após o nascimento de Júlia

A segunda entrevista dessa pesquisa, cujo corpus serviu de base para a construção da análise desse período, aconteceu na casa de Beth, aos 23 dias de vida de Júlia.

No decorrer de sua gravidez, Beth vivenciou algumas mudanças em sua rede de apoio. Inicialmente, teve como parceiros de interação promotores de apoio seus colegas de trabalho e seu médico-obstetra. Com o passar do tempo, sua família começou a participar nesse apoio. No final da gravidez, Beth contou com a presença de Paulo, seu namorado e pai de Júlia. Essa participação exerceu influência quanto as suas expectativas com a proximidade do parto. Sobre essas Beth comenta:

F.2.1: *“Ah, Marisa, eu acho que eu tava tra, razoavelmente tranqüila. (...) E muito aquela coisa assim, bom tá chegando, né? Agora é de verdade, mas eu tava, assim e outra coisa que eu acho que é que desvia um pouco a atenção, é que, uma é que eu trabalhei até as vésperas, então eu tava sempre ocupada com meu trabalho, eu num, num fiquei assim, né? Eu acho que a minha atenção tava bem dividida. (...) O Paulo ficou mais comigo no final, né? Então isso também foi legal. Eu peguei Natal, Ano Novo, que é assim, são ocasiões que cê fica muito com as pessoas, então né? Todo mundo em volta.”*

A proximidade e a participação de Paulo e das pessoas a sua volta no final da gravidez ressignificou para Beth sentimentos de rejeição presentes no decorrer desta. Esse ressignificar possibilitou-lhe pensar esse último mês de gravidez como tendo sido um período *tranqüilo*,

diferenciando esse final dos períodos anteriores onde ela define a gravidez como um período *complicado* e, em alguns momentos, *terrível* (Fala 1.3).

O parto aparece na fala de Beth como um demarcador, dividindo em antes e depois um processo que vem vivenciando. Este estabelece um marco na construção da relação Beth-Júlia, que para Beth, entra em uma nova fase, *agora é de verdade*. Nessa fala, Beth reafirma um sentido para o parto, qual seja, o de estabelecer uma mudança significativa na construção de sua relação com seu bebê. De **Beth/mãe-Bebê/imaginado-e-desconhecido**, com o nascimento, a relação poderá ser ressignificada, estabelecendo-se **Beth/mãe-Júlia/bebê-de-verdade**.

A impossibilidade do parto normal foi para Beth um “*choque*”:

F.2.2: “*Então quando estourou a bolsa (...) e eu achei que ia ser parto normal. Mas eu cheguei lá, o médico me examinou e segundo ele eu tava sem a dilatação. Então, realmente foi um choque. Eu chorei muito, eu fiquei bastante apreensiva, assim, eu não queria cesárea, eu queria parto normal(...) E eu tinha medo assim, da cirurgia, de tomar anestesia, e do pós, igual eu te falei, tinha muito medo de depois eu ficar com dor, tal, e não poder curtir o nenê, né? Os primeiros dias. Então eu chorei muito, e fiquei assim, mas, me surpreendi. Porque mesmo na hora, é isso que eu te falo, pro cê vê, na hora cê, tipo assim ó, um momento tão, eu acho assim, eu acho que podia tá caindo o mundo em cima de mim que eu ia tá rindo, entendeu? É muito engraçado. Acho que eu tava, eu esperei muito a Júlia, acho que eu curti. No final das contas acho que eu acabei curtindo. Então eu queria que ela nascesse, só isso. Nascesse bem. Então, e foi muito rápido, né? Já me levaram pra sala de cirurgia, já me prepararam, e foi isso, foi tudo bem.*”

Ao falar sobre seu parto, Beth nos descreve um momento em que estão presentes diversos sentimentos, inclusive ambivalentes, que emergem nessa situação. Estes apontam para alguns papéis de Beth que emergem e se alternam em um movimento de figura-e-fundo.

Inicialmente, o fato inesperado do parto cesárea conflita com seu desejo e planejamento de parto normal fazendo emergir em Beth frustração, medo e apreensão. Esses sentimentos, em conjunto com a dor física do parto, remetem-nos a um papel de Beth nesse momento crítico: a de parturiente. Essa **Beth/parturiente** que sofre, sente dor e chora, aponta em um determinado momento seu desejo mais forte, *eu queria que ela nascesse, só isso*. Beth só quer que a nenê nasça logo, pois é só assim que aquele sofrimento vai acabar.

Contudo, essa **Beth/parturiente**, que coloca em primeiro lugar a sua dor e a necessidade do término dessa, entra em conflito com um outro papel que está em processo de construção: o de mãe.

Em nossa matriz sócio-histórica, a presença dominante de um determinado discurso sobre a maternidade impõe às mulheres e exige da boa mãe o seu sofrimento na hora do parto, sofrimento que se justifica pelo bem-estar de seu filho. **Beth/mãe**, impregnada por esse discurso por estar inserida nessa matriz, remenda sua fala e, logo após dizer que só queria que *ela nascesse*, ela nos diz que não é só *isso*, mas seu desejo era de que *ela nascesse bem*.

A contradição também aparece quando Beth faz de certa forma um balanço de sua gravidez e do parto. Nesse movimento, ela tenta construir um sentido positivo para o nascimento de Júlia: *no final das contas acho que eu acabei curtindo*. O sofrimento durante a gravidez e a sua frustração e dor física em um parto que não aconteceu como esperava constituem elementos de um processo que lhe trouxe angústia, apreensão e medo. Estes são contabilizados e avaliados no final de forma positiva, em que Beth *acaba curtindo*. Emerge a posição de **Beth/mãe** que, impregnada pelo discurso cultural da boa maternidade que exige o acolhimento do filho e proíbe a rejeição dessa

criança, justifica para ela o seu sofrimento.

F.2.3: *“E ela não chorou rápido, né? Então, o anestesista narrando, porque eles colocam um pano assim, o anestesista tava atrás de mim. Inclusive ele que fotografou, tal, ele ia narrando, ‘Ó, já tá quase’, não sei o quê, ‘Vai nascer, vai nascer, nasceu’ e aí eu não ouvi o choro. Falei ‘Gente ela não tá chorando?’, né? Eu fiquei desesperada. Eles ‘Calma Beth’. Porque a questão do tempo, acho que você perde a questão do tempo, né? Acho que um minuto ali dentro é uma eternidade. Aí já já ela chorou, gritou, berrou, aí eles vieram e trouxeram e colocaram ela perto de mim.”*

A expectativa de que o nenê chora logo após o nascimento para atestar a sua vida e o não aparecimento desse choro/sinal nesse momento fazem emergir em Beth um forte sentimento que é definido por ela como desespero. Esse desespero nos aponta o medo de **Beth/mãe** perder **Júlia/seu-bebê-de-verdade**.

Em nossa cultura a perda, principalmente com a morte de uma pessoa, é sentida como significativa causa de emergência de angústia. A morte nos separa definitivamente das pessoas. É esse medo, essa angústia, que emerge em Beth no momento do nascimento de Júlia, fazendo-a entrar momentaneamente em desespero. Sentimento esse que só é aplacado com o aparecimento do sinal de vida de Júlia, o choro e a proximidade física das duas.

F.2.4: *“ Olha, a coisa que mais ficou de quando nasceu, né? Foi a hora que eles colocaram ela perto de mim e eu senti a temperatura dela, ela quentinha. Eles encostaram o rosto dela no meu, acho, essa sensação acho que eu vou guardar pra sempre. Sabe aquele rosto quentinho, ela quentinha. Eu senti a temperatura dela, foi muito bom, uma sensação muito gostosa. (...) E aí eu capotei! Dormi. Aí eu não lembro, mais nada. Quer dizer, eles só*

falavam né? O quanto que ela pesava, que era uma menina, (...) eu ouvi ela, ela chorar bastante, tal, mas aí eu dormi.”

O alívio por ela nascer e viver, estar ali perto, bem, chorando bastante, possibilita Beth descansar, se afastar um pouco de Júlia, depois de uma necessidade bastante forte de estar junto.

A separação é uma necessidade para Beth se recuperar, dormir, comer. Em uma reconfiguração de suas posições, após o parto a **Beth-que-tem-necessidades** torna-se figura pois a **Beth-mãe** já cumpriu seu dever; e sua filha, graças também ao seu esforço, nasceu e está bem.

O relato desse episódio nos possibilita identificar dois sentidos possíveis para os eventos de separação entre Beth e Júlia, quais sejam: em um primeiro momento, a iminência da perda, da separação definitiva causa em Beth angústia e necessidade da presença física de Júlia junto a ela. Nesse sentido, a separação faz emergir angústia e medo. Passado esse perigo, em um momento posterior, vem o alívio, a alegria e a sensação de prazer que dá possibilidade para Beth relaxar, se afastar de Júlia, descansar. Separar não é mais tão angustiante, pois, Júlia está viva e bem. De certa forma, a garantia do (re)encontro está preservada.

Os primeiros dias de Júlia em casa

Diversas pessoas foram apontadas por Beth como participantes nesse período inicial da vida de Júlia. Dentre essas, Paulo, D. Rosa (a mãe de Beth), D. Eliane (a mãe de Paulo), a família de Beth (tias, primas...) e suas colegas de trabalho. Paulo e D. Rosa foram as presenças mais fortes nas falas de Beth durante a entrevista. Apontaremos algumas questões relacionadas a estas interações.

Nesse período pós-parto, a presença de D. Rosa, mãe de Beth, torna-se bastante efetiva na configuração da rede de apoio de Beth:

F.2.5: “...desde que a Júlia nasceu, ela tá aqui comigo e é uma segurança muito grande, né Marisa? Porque minha mãe, ela, ela me ajuda muito, não só com as coisas aqui do apartamento, tal, mas mesmo com a Júlia, que às vezes, eu sinto que satura um pouco.”

O nascimento de Júlia marca, não só a relação Beth-Júlia, mas, também, a reconfiguração da relação de Beth com sua própria mãe. **D. Rosa/mãe-de-Beth** assumindo-se no papel de avó, começa efetivamente a dar apoio à **Beth/filha** em função da chegada da neta.

D. Rosa, ao fazer-se presente e disponível, re-afirma-se em seu contra-papel de **mãe de Beth** e assume seu novo papel de **avó de Júlia**, contribuindo com o processo de reconfiguração e ressignificação das relações familiares.

Beth aponta a necessidade dessa presença, não só no que diz respeito à realização das atividades de cuidado do bebê e de organização da rotina de casa, mas principalmente ao processo de construção do seu papel de mãe:

F.2.6: “Porque é aquela coisa assim, só eu que cuido agora, né? Então a minha mãe também vem pra cuidar de mim, não é só da Júlia, muito legal isso. Mas eu vou ter que achar meus recursos, né Marisa?”

Nesse processo de reconfiguração da relação **Beth - D.Rosa** e de ressignificação de papéis, Beth resgata necessidades de seu papel de filha na construção de seu papel de mãe. A relação **Beth/filha-D.Rosa/mãe** aparece como necessária em um contexto onde está sendo construído o

lugar de uma mãe. Essa necessidade não se faz apenas pela falta de experiência, pois, apesar de Beth não tê-la, nos momentos em que ficou sozinha com Júlia, ela conseguiu desenvolver os cuidados. Mas, principalmente, por que o seu papel de mãe e a relação **Beth/mãe-Júlia/bebê** estão em fase inicial de construção.

A construção de Beth/mãe pode ser analisada com base nas noções de fusão, como imitação de modelos, e diferenciação, como confronto e criação de modelos, propostas por Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000), tendo como base a teoria de Wallon (1995):

(Beth/filha-fusão-D.Rosa/mãe)

A proximidade e a continência de **D.Rosa/mãe-de-Beth** contribui com a situação afetiva do meio para um estado de fusão entre essas duas pessoas. Esse estágio de indiferenciação relativa possibilita uma mistura emocional, a partir da qual, **Beth** ressignifica seu lugar de filha, agora com uma necessidade iminente, a construção do seu papel de mãe.

(Beth/filha-e-mãe-diferenciação-D.Rosa/mãe-e-avó)

A medida em que esse processo de construção de papéis vai se dando, Beth/mãe vai saindo do estado de fusão desenvolvendo assim seu papel de forma mais autônoma, independente e diferenciada. Essa diferenciação é fundamental e necessária na construção da pessoa e de seu lugar diferenciado no mundo. Beth indica a necessidade dessa diferenciação e a separação que deve acontecer na medida em que ela for assumindo esse lugar de mãe. Para **Beth/mãe** é uma questão de *achar meus recursos*.

Por ainda estar sendo construída essa autonomia e a presença de D. Rosa constituir um suporte nessa construção, sua ausência mobiliza em Beth ansiedade e expectativa. Dessa forma, ela comenta:

F.2.7: *“Agora vamo vê quando a minha mãe não voltar mais, né? Acho que vai ser... (risada) vai ser meio triste, pra mim, pra ela e até pra Júlia, que é engraçado, que nem eu te falei, às vezes satura, né? Eu ficar muito com ela, então é go..., legal ela mudar de colo, ouvir outra voz, porque imagina ela ficar só aqui comigo! Daqui a pouco é ela que se... fala “Ah, eu não güento!”(Risada). Então até isso é legal, né? Tanto é que assim, às vezes ela tá no meu colo e, eu não sei se é porque eu fico cheirando leite, né? Por mais que eu tome banho, que eu troque o sutiã, acho que eu cheiro leite, então às vezes, toda vez que ela vem comigo ela quer mamar, e às vezes minha mãe pega, ela gosta, ela fica tranqüilinha, ela dorme no colo da minha mãe, minha mãe faz ela dormir, melhor que eu, quando ela tá meio enjoadinha, né? Então isso é legal também, acho que ela já conhece o colo da vovó.”*

O exercício da maternidade implica também em atividades que causam desgaste e *saturação*. Esses sentimentos, emergentes em Beth, levam-na a dividir as atividades dos cuidados referentes à Júlia com D. Rosa. Essa divisão possibilita momentos de afastamento de Júlia, necessários para que Beth assuma outros papéis já conhecidos. No exercício desses papéis, ela pode se recuperar e, logo depois, ocupar de novo o lugar de proximidade da sua filha.

A demanda de Júlia, *toda vez que ela vem comigo ela quer mamar*, causa um desgaste em Beth, que deseja se afastar um pouco, pelo menos por curtos períodos, e acha isso bom tanto para ela quanto pra sua nenê: *legal ela mudar de colo, ouvir outra voz, porque imagina ela ficar só aqui comigo!*

Outro aspecto que essa fala aponta é a especificidade de **Beth/participante-da-pesquisa** que se permite expressar o conflito que existe nesse processo de construção da sua relação com Júlia. Identifica *que satura um pouco* e que a divisão dos cuidados de Júlia com sua mãe, de certa forma, ameniza essa saturação. Apontar o conflito e identificar as dificuldades desse processo fazem parte da prática discursiva de Beth e caracterizam a relação **Beth/participante-Marisa/pesquisadora**. A entrevista funciona como um espaço onde Beth pode falar de suas dificuldades e, em nosso caso especificamente, **Beth-psicóloga** sabe que apontar o que está por trás na sua relação com D. Rosa e Júlia, uma certa saturação, é permitida.

Ao ser perguntada sobre sua relação com Paulo e a dele com Júlia, Beth comenta:

F.2.8: *“E eu, mas assim, acho que independente de tudo que aconteceu, eu quero muito que ele participe, né? Da educação dela, eu sempre pergunto as coisas, quê que ele acha, quê que ele não acha. (...) E eu sempre deixo muito espaço pra ele participar, pra ele opinar, né? Tal, nas coisas. Porque eu acho importante, né? Ele, ele também se sentir à vontade. Mas enfim Marisa, agora assim, a gente ainda não teve um momento nosso.(...) Porque eu acho que agora pra mim é muito claro ele e a Júlia e ele e eu, né? Então assim eu acho que as coisas estão muito recentes, a gente ainda num, num voltei a uma rotina normal, né?(...) Então acho assim, a gente ainda não teve o nosso momento de conversar algumas coisas, tal.(...)”*

Nessa fala, **Beth/parceira** reflete seu ressentimento com o parceiro de forma bastante evidente, referindo-se a *tudo que aconteceu*. Este aspecto, que poderia ser um motivo de afastamento entre Beth e Paulo, configura um conflito para **Beth/mãe** que busca garantir para sua filha a participação do pai em sua educação.

Nesse conflito, vai se configurando a relação **Paulo/pai-Júlia/filha** e **Paulo/pai-Beth/mãe**, enquanto outra relação espera por ser negociada: **Beth/parceira-Paulo/parceiro**.

Esse contexto leva Beth a refletir sobre suas expectativas com relação à família e ao futuro de Júlia:

F.2.9: *“E como eu te disse, essa preocupação que eu tenho de ter que explicar algumas coisas pra ela no futuro, né? Mas acho que ela não vai ter papai, mamãe, filhinho, né? Não sei como é que vai ser isso pra ela, mas enfim o que eu puder garantir da participação das pessoas acho que é le..., vai ser legal pra ela. (...) Quer dizer, ela não precisa, dado o modelo tradicional, independente disso ela pode ter o afeto das pessoas, então... Vamo vê, né? Aí eu vou deixar mais pra frente, pensá nisso agora não... Deixa... Quem sabe até ela vai ter uma família mononuclear daqui uns tempos, né? (risada)(...) Só o futuro dirá. Mas enfim, acho que em relação à questão da família tá, acho que eu tô bem, muito bem amparada, tô me sentindo muito bem amparada.”*

Atualmente, apesar de diversas mudanças terem se estabelecido no que diz respeito aos modelos familiares em nossa sociedade, um que ainda é bastante forte é o modelo de família mononuclear, onde pai, mãe e filhos (de um único e duradouro casamento) moram na mesma casa. Esse discurso dominante está presente junto com outros discursos, divergentes e convergentes, constituindo a matriz sócio-histórica do contexto em que a família de Beth está inserida.

Essa contradição de discursos caracteriza essa fala de Beth/mãe como sendo uma questão não tão tranqüila, em termos da sua opção pela maternidade. Ao falar da filha, Beth sente falta desse modelo e de certa forma o deseja, *Quem sabe até ela vai ter uma família mononuclear daqui uns*

tempos, né? Essa pergunta só poderá ser respondida quando o processo de negociação da relação **Beth/parceira-Paulo/parceiro** sair do estado de espera que está desde a gravidez.

Enquanto isso, pensar o futuro de **Júlia/filha** mobiliza em **Beth/mãe** uma função, qual seja, *o que eu puder garantir da participação das pessoas acho que é le..., vai ser legal pra ela*. Sendo assim do seu lugar de mãe, e responsável por mediar (*garantir*) para sua filha diversas e importantes relações, ela abre espaço para Paulo (apesar de *tudo que aconteceu*), para sua mãe (na divisão dos cuidados de Júlia) e para as pessoas que configuram seu campo interacional, construindo, junto com seus parceiros de interação, a sua família possível.

Família que não está construída nos moldes tradicionais, mas ampara, apoia, aceita e tem afeto por esse nenê, que está por definir o seu espaço, e essa mãe, que está se construindo e sendo construída nesse contexto.

A amamentação

Beth tem amamentado Júlia desde o seu nascimento. Sobre sua opção pela amamentação, ela nos fala:

F.2.10: *“Graças a Deus. Porque eu já não tive o parto normal, né? Se eu não amamentasse, acho que daí eu não agüentaria. (risadas) Eu ia pirar.”*

Essa fala nos aponta para uma concepção presente em nossa sociedade atual e na matriz sócio-histórica, que define a mãe moderna como sendo aquela que tem filhos de parto normal e amamenta seu bebê pelo tempo máximo que lhe for possível (ao menos até o final da licença maternidade que é de quatro meses).

Beth, como uma mãe que faz parte desse grupo social, isto é, trabalha fora de casa, é independente e intelectualizada, tem pautado a construção de seu papel de mãe sendo fortemente determinada por esse discurso. Sendo assim, já que seu parto não foi normal, como ela havia planejado, a amamentação é uma obrigação a ser desenvolvida da forma mais natural possível: no peito.

Esse discurso, fortemente fundamentado pela medicina social e filosofia higienista, como aponta Almeida (1999), surge no início deste século em nosso país com o forte interesse de redirecionar a mulher para o lar, a fim de ampliar a inserção masculina no mercado de trabalho. Nessa direção, enfatiza o discurso médico da capacidade e obrigação materna de nutrir o filho: na gravidez, o feto nutre-se do sangue materno; no período da lactação, o bebê nutre-se do leite materno; posteriormente, a criança passa a nutrir-se do amor materno.

Beth, no papel de mãe moderna, tem uma obrigação, a de amamentar seu filho. Assim é que **Beth/mãe**, impregnada por esse discurso, resume a sua angústia em *se eu não amamentasse, acho que daí eu não agüentaria. (risadas) Eu ia pirar.*

Nesse processo, ela nos fala como percebe a amamentação:

F.2.11: “ *Então acho que num, talvez não seja nem o peito, o fato dela su, acho que ela usa meu peito meio de chupeta também, né? Porque eu já ofereci a chupeta pra ela, ela não pegou. Mas assim, eu ponho ela no peito ela vai ficando tranqüilinha, né?* ”

Beth/mãe, que é também **Beth/psicóloga**, impregnada pelo discurso psicanalítico presente em seu campo de saber, interpreta os momentos da amamentação e significa-os de forma que, além da satisfação biológica da fome, são momentos de prazer e satisfação para a sua filha: *eu ponho ela no peito ela vai ficando tranqüilinha.*

A relação Beth-Júlia vai se constituindo nesse diálogo. De um lado uma pessoa, que a partir de suas concepções, expectativas, desejos e possibilidades, vai construindo seu novo papel, o de mãe, ressignificando outros lugares de sua vida. De outro, um bebê que, em seus primeiros dias de vida, tem seus comportamentos interpretados pelos adultos que constituem seu meio. Mais que isso, é capaz de a partir de sua atividade expressivo-motora, indicar sensações de prazer e desprazer que mobilizarão aqueles a sua volta. Essa díade está inserida em um contexto interacional onde diversos parceiros são significativos e cada um, na sua especificidade, constituirá suas interações.

Nesse sentido, apontaremos algumas falas que caracterizam o processo de construção da relação Beth-Júlia, sempre levando em conta sua inserção em um contexto interacional que vai além da díade.

A relação Beth-Júlia

Nessa entrevista Beth parece indicar fortemente o processo que está vivendo, o de tornar-se mãe. Com o decorrer dos dias e das situações ela vai se dando conta de seu novo papel:

F.2.12: *“Nossa, eu sô mãe”. Às vezes eu tô com ela no colo, eu me olho ali no espelho, eu dô risada, sabe aquela coisa? De falar “Gente, é minha filha”, né? Então eu tô tomando muito contato com isso ainda. Essa coisa de olhar no espelho mesmo. Então ela tá no meu colo, eu paro ali naquele espelho, olho e não acredito, né? Falo “Nossa, é a minha filha” acho que é isso que fica martelando na minha cabeça o dia inteiro.”*

A maternidade, contrariamente ao que propõe a visão naturalizante da Teoria do Apego de Bowlby (1990), não é algo inato ou puramente condicionado por questões biológicas. Não se nasce mãe, esse papel vai sendo construído no aqui-e-agora da interação dialógica, processo esse que será constituído por questões do tempo vivido e do tempo histórico das pessoas e da cultura em questão.

Beth é uma mãe em construção e se dá conta do processo que está vivendo, inclusive aponta o olhar no espelho como uma estratégia de se reconhecer como tal, em seu novo papel. Essa possibilidade de identificar essa construção e reconhecer as dificuldades desse processo torna bastante próprio esse percurso em Beth, provavelmente pela especificidade de sua profissão.

As angústias vão emergindo nessa tomada de consciência de seu novo papel, das novas responsabilidades, das novas exigências:

F.2.13: *“Então, às vezes eu sinto muito medo, né? Um medo de, de, medo assim de responsabilidade, de pensar, na minha vida, na vida dela, como é que vai ser, aquela coisa de mãe, cê quer tudo, né? Igual a gente sempre ouviu das mães.(...) A gente escuta, que a mãe quer o melhor pro filho... E ao mesmo tempo, então dá uma sensação meio de impotência, né? Aquela coisa meio, cê fi..., cê se sentir meio impotente, meio ‘Nossa, né? Será que eu num, num vô dá conta?’ E ao mesmo tempo não, que a hora que cê olha, que cê, né? Vê ali no teu colo, acho que nessa fase ainda que é tão, tão frágil, né? Tão, cê fala ‘Nossa, tá nas minhas mãos’, né? Eu que vou, por enquanto eu que, ela tá nas minhas mãos. E aí te dá uma força, cê fala ‘Não, eu vô dá conta sim’, não é assim, ‘Eu tenho que dar conta’, né? Não posso ter dúvida agora. Então eu acho que eu tô numa fase ainda muito intro, muito, né? Eu com ela, então fica difícil. Essa coisa mesmo de, nossa é, ‘Agora eu só mãe, tá aqui minha filha, minha vida mudou muito.’”*

Ser mãe é ser mãe em um contexto sócio-cultural, que concebe modos possíveis de maternidade. *Aquela coisa de mãe*, que é uma responsabilidade de que *a mãe quer o melhor pro filho* e, pelo menos nos primeiros anos de vida, é ela quem deve suprir as necessidades do bebê.

Sentidos contraditórios nesse discurso que delega à mãe uma série de responsabilidades para com seus filhos, fazendo emergir sentimentos de impotência e angústia; mas que, ao mesmo tempo, por colocá-las em um lugar de que só a elas cabe essa tarefa, possibilita um sentido de força, de potência que as faz conseguir constituir-se como tal e reconfigurar sua vida seus papéis, suas diversas posições. A fala de Beth nos aponta para essa contradição, é a impotência e a força conflitando-se na construção desse lugar de mãe.

Nesse processo, ao ser perguntada sobre como foram as primeiras semanas com Júlia levando em conta o que ela vinha imaginando durante a gravidez, Beth comenta:

F.2.14: *“Olha, é, esses assim, o, acho que esse tempo, né? Num sei, eu acho que, eu nem esperava tanto. Porque ela veio tão boazinha (risada) sabe, tão... Então às vezes eu olho pra ela falo "Gente acho que nem merecia tanto". Sabe, uma criança saudável, super boazinha, eu tinha muito medo assim, né? De vim chorona, de dar trabalho, de não dormir, de não sei o que, de não mamar, enfim. Mas ela veio tão tranqüila que tá sendo assim, acho que essa fase de adaptação foi, tá sendo muito tranqüila, né?”*

As expectativas de Beth, que foram se construindo durante a gravidez e até antes dessa, apontavam para a possibilidade de um bebê trabalhoso. Mas, a realidade de Júlia parece ter sido elemento que reconfigura essas expectativas e, nesse momento, a própria Beth reconhece essa especificidade de sua relação com Júlia. Os componentes individuais de Júlia e a significação desses dentro dessa relação tornam, mais tranqüilo esse período de adaptação. Esse bebê que

facilita, que mama bem, que fica bem, poderia comportar-se de forma diversa construindo junto com essa mãe, um tipo de relação completamente diferente, talvez até reforçando a idéia de bebê trabalhoso.

Esse período de adaptação tranquilo faz com que Beth signifique a sua ligação com Júlia da seguinte forma:

F.2.15: *“Fora que eu já tô grudada nela, não é só ela que fica grudada em mim. É um sentimento não sei se toda mãe é assim, mas eu brinco que eu só consigo ir até a padaria sem ela, né? Vou e volto rapidinho. Então acho que assim, eu já tô com uma ligação muito forte, e eu acho que isso é até devido a, a ela ser, né? A gente tá dando certo as duas. Então eu acho que isso favorece a nossa ligação.”*

O discurso de Apego (presente na Matriz Sócio-histórica e na formação de psicóloga) que concebe a boa relação mãe-bebê como sendo aquela contínua e harmoniosa funciona para **Beth/mãe-e-psicóloga** como parâmetro de avaliação da relação com Júlia/seu-bebê. Com base nesse discurso, Beth constrói um sentido *favorável* à relação com sua filha, *A gente tá dando certo as duas*, e descarta a outra possibilidade, a de não dar certo.

No entanto, a partir de um certo momento, para Beth, outros papéis começam a figurar exigindo sua presença e, portanto, o afastamento temporário de sua filha:

F.2.16: *“Volto a trabalhar... então ela já vai tá com 2 meses e, e pouco, né? Não sei como é que vai ser, sinceramente, né? Apesar de eu já ter assumido esse compromisso assim, é anterior, é uma coisa que eu não quero parar, e, eu tô vendo assim, que eu vou sofrer muito também, a hora que eu tiver que me separar dela. Então acho que eu já tô planejando assim, algumas coisas pra eu ir me separando homeopaticamente.”*

Conflitos emergem a partir desses diversos papéis (mãe, profissional) que constituem a rede de significações de Beth.

Beth/mãe que na relação com sua filha encontra satisfação e prazer, por *estar dando certo*, também sente uma certa *saturação* nessa rotina. Não só as exigências sociais, mas também a satisfação que Beth encontra nesses outros papéis, colocam-na frente a uma necessidade: a de preparar-se para reconfigurar sua relação com Júlia, agora com a iminência de separações mais efetivas ocasionadas pelo seu trabalho.

A forma que Beth encontrará para efetivar essas separações mais longas ainda está por ser elaborada. Para ela, o ir aos poucos, *homeopaticamente*, é necessário e facilitará, não só para ela, mas também para Júlia esses eventos de separação.

F.2.17: “*Então eu quero ver como é que vai ser quando eu voltar a trabalhar, que eu vou ter que deixar ela, seja numa creche, numa escolinha ou deixar mesmo aqui em casa com uma pessoa, não sei, isso eu não sei como é que vai ser.*”

As possibilidades já estão sendo avaliadas, medidas, para daí serem escolhidas. Todas implicam em eventos de separação entre Beth e Júlia. Separação esta adiada em alguns momentos e em algumas situações, mas desejada em outros. Adiada, pois o processo de construção da relação Beth-Júlia leva Beth a reconhecer sentimentos de prazer e satisfação que esta lhe possibilita. Nesse sentido, a necessidade de reassumir seus outros papéis e, portanto, separar-se de Júlia leva à concreta divisão dos cuidados da criança com outras pessoas e também da satisfação que Beth vem vivenciando junto ao seu bebê. Desejada por Beth para a sua recuperação física, já que o cuidado do bebê demanda um grande esforço e investimento de energia, mas principalmente porque a

construção desse papel de mãe figurou em detrimento de seus outros papéis que agora emergem e pedem sua atenção.

5.3 Júlia em casa: os primeiros meses da família

A terceira entrevista que compõe este estudo aconteceu na casa de Beth em 15 de abril de 1999, época da 14ª semana de vida de Júlia.

Ao ser solicitada para falar sobre o desenvolvimento de Júlia nesse 2º mês de vida, Beth comenta:

F.3.1: *“Bem, ã, comparado ao 1º mês, ela já tá, quando a gente fala assim, já tá mais fácil de pegar, ela já tá ficando mais, durinha. A interação dela melhorou pra caramba, então ela já, conversa entre aspas, né? Então dá pra gente brincar mais com ela, ela fica mais à vontade. Os, o, fato de eu ter posto aquele monte de bonequinho no quarto, acho que ajudou pra caramba. Ela fica, ela adora o quarto dela, cê precisa ver que gracinha.”*

O atual estágio de desenvolvimento de Júlia é apontado como fator que possibilita maior interação. O comportamento e o desenvolvimento de **Júlia/bebê**, que já *“conversa”* e *tá mais fácil de pegar*, são recortados e significados por Beth promovendo transformações em sua rede de significações e nas interações estabelecidas, tal como observado por **Beth/mãe**: *dá pra gente brincar mais com ela*.

De um lado, há um adulto que, propõe, seja *brincando* ou *“conversando”*, uma interação; de outro, um bebê que, à sua maneira responde a esse diálogo, dentro de suas possibilidades expressivo-motoras de desenvolvimento.

A necessidade humana do outro que medeia o contato com o mundo caracteriza-se de forma bastante diversificada de acordo com as significações que fazem parte nas redes pessoais e que constituem o meio social. Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000) apontam para essa diversidade:

“A mediação assume assim, características bem diversas, em cada caso, conforme o conjunto de sentimentos, concepções e motivações que invadem cada mãe e que são recortados em suas ações e interações naquele ambiente. Essa mediação do adulto é expressa, também, através das formas como ele organiza os ambientes e estrutura práticas e rotinas da/com a criança”.(p.288)

A matriz sócio-histórica da qual **Beth/mãe** faz parte e sua formação profissional no campo da psicologia constituem suas atitudes como mãe. Suas concepções de desenvolvimento infantil em parte têm fundamentado a organização do espaço físico de Júlia (*o fato de eu ter posto aquele monte de bonequinho no quarto, acho que ajudou pra caramba*), constituindo para esse bebê um cenário para o seu desenvolvimento. A forma de organizar o espaço para Júlia promove ou inibe determinados tipos de comportamentos nesse bebê e também nas pessoas presentes no contexto e, além disso, constitui um elemento do discurso que impregna a rede de significações das pessoas presentes naquele contexto.

Beth/mãe, mediadora do desenvolvimento de Júlia, que arruma o espaço e coloca os *bonequinhos no quarto*, fundamentada em determinada concepção de desenvolvimento, tem sua percepção do desenvolvimento de **Júlia/bebê** ressignificada, *a interação dela melhorou pra caramba*, ao observar o comportamento da nenê e significá-lo como sendo de “*conversar*” e *ficar mais à vontade*.

Ainda em relação à questão colocada sobre o desenvolvimento de Júlia, Beth comenta:

F.3.2: *“Outra coisa que eu observo, não sei se é porque a gente brinca muito com ela, assim, então antes, ela, vamo supor, à noite eu sentava ali no sofá punha ela aqui, né? No meu peito e, a gente ficava vendo televisão numa boa, ela não fica mais! Ou, cê tem que ficá brincando*

com ela, ou cê tem que vim aqui no quarto, ela fica até melhor no berço, deitadinha, eu ponho os bichinho, ela até fica um tempo virada, mas ela não fica mais de frente pra televisão por exemplo.(...) Então ela já não tá assim, aquela criança meiga, dócil, sabe? Acho que ela já tá tendo as vontades dela.”

Nesse diálogo, Júlia vai se constituindo e sendo constituída como um **bebê/que-já-tem-suas-vontades**, diferenciando-se de uma **Júlia/bebê-que-aceitava** os cuidados e as brincadeiras. Os adultos, mediadores do desenvolvimento de Júlia, vão significar as reações e os comportamentos desse bebê ressignificando o lugar dela nesse contexto.

Essa reconfiguração também vai reorganizar as diversas relações que são estabelecidas com Júlia. Não só Beth, mas com as outras pessoas vão agir com Júlia de uma forma diferenciada do primeiro período, quando ainda não se considerava que ela tinha *vontades*.

As atitudes e o comportamento de Júlia indicam para Beth, além de uma maior interação de Júlia com as pessoas, um processo que ela vai chamar de *separação de identidade*:

F.3.3: *“Olha, é uma experiência e tanto, eu sinto que... às vezes até, eu não sei se isso é coisa de psicólogo, porque toda vez que eu acho, às vezes eu penso assim, que o meu estado emocional interfere muito no comportamento dela. Mas várias vezes que eu pensei isso, de repente, quer dizer, ela tava chorando, eu tava nervosa de repente ela começou a chorar. Aí eu começo a encanar, de repente ela faz um cocozinho, pára de chorar e não era nada daquilo (risos). Então assim, é um processo incrível, sabe? É uma coisa, pegar o primeiro mês, o segundo, agora assim esse processo meu de separação dela, até separação de identidade mesmo, que que é dela, o que que é meu, isso é muito complicado, né? Mas aos poucos cê vai... Cê vai Tateando, né?(...) Né? Então isso eu já, quer dizer, e ela ã, eu sinto*

que ela já, ela já tem os jeitinhos dela, as mainhas, o tipo de choro, agora que ela tá interagindo mais, então eu sinto assim que, que vai ficando ela e eu, né?”

No início dessa fala, Beth aponta ter consciência que seu discurso é permeado pelo seu papel profissional, *coisa de psicólogo*. Beth busca na psicologia elementos que a possibilite construir explicações, ou melhor, sentidos para o processo de desenvolvimento de Júlia/filha. O fato de esses estarem sendo construídos em uma pesquisa em psicologia parece-nos favorecer a emergência desse discurso.

Essa busca parte de elementos do aqui-e-agora da relação **Beth/mãe-Júlia/filha** onde o conflito vai estar presente constituindo essa relação mãe-bebê: *Cê vai tateando, né?* Esse *tatear* constrói o diálogo Beth-Júlia.

Nesse período, Júlia com seus *jeitinhos, mainhas e tipos de choro*, isto é através de sua capacidade expressivo-motora, vai expressando, vai indicando *suas vontades*. Ao mesmo tempo, vai tendo seu comportamento significado pelas pessoas de seu contexto familiar. Nessa dialogia, o lugar de **Júlia/bebê** vai se construindo e sendo construído. Para **Beth/mãe**, a confusão de duas pessoas que iniciou com a gravidez vai aos poucos se desfazendo: *eu sinto assim que, que vai ficando ela e eu*.

A saída para o trabalho: a divisão dos cuidados de Júlia

Um dos aspectos que marca esse período é a saída de Beth para o trabalho. Esses eventos acontecem uma vez por semana, à noite. A entrevista aconteceu no dia posterior à terceira saída de Beth. Ao ser solicitada para contar como aconteceram essas saídas ela relata:

F.3.4: *“Foi a primeira vez, né? Até então eu num tinha ficado tanto tempo longe dela e principalmente não, não dando mamá. E coincidiu de, quer dizer, a minha prima ela ainda tá mais acostumada, mas a minha mãe fazia quase um mês que ela não via.(...) Então juntou isso, juntou a mamadeira que eu nunca tinha dado, então foi um terror! Aí na segunda vez, ficou de novo... minha..., não aí ficou a Lúcia e a minha prima, aí disse que ela f..., parece que ela ficou melhor. (...) Aí teve uma outra v..., da terceira vez ela já tava doentinha (...) Mas ela num, a questão é a mamadeira, Marisa. Ela até fica, cê brinca, cê, acho que ela não tá mais, da primeira vez foi, eu senti que foi terrível, ela ficou muito mal. Mas agora ela já fica, um tempo maior sem a minha presença. A única preocupação minha é que ela não tá pegando a mamadeira.”*

Durante esse período, algumas reconfigurações aconteceram no apoio a Beth para a realização dos cuidados de Júlia. D. Rosa, que anteriormente era a figura principal de apoio, voltou para sua cidade e vem uma vez por semana para ficar com o nenê. Surge nesse contexto a presença de Lúcia, que é contratada por Beth para realizar os serviços de casa e ajudar nos cuidados com Júlia. Além dessas, a presença de uma prima de Beth é bastante efetiva, principalmente nesses eventos de saída de Beth.

Essa saída para o trabalho constitui um período um pouco maior de separação entre Beth e Júlia que até então não tinham acontecido: *Até então eu num tinha ficado tanto tempo longe dela.*

As atividades de brincar, banhar, fazer dormir, as outras pessoas conseguem fazer. Menos alimentar, pois até então Júlia só tinha mamado no peito e a mamadeira não havia sido tentada: *mamadeira que eu nunca tinha dado.*

Beth vai refletindo sobre as possibilidades de realização dos cuidados de Júlia. Dentre essas, inclui-se a creche:

F.3.5: “... *Só que dói viu (ri). Acho assim, é uma coisa tão engraçada, que às vezes eu via outras mães falar, falava ‘Gente, mas que absurdo!’*, né? *A creche é tão bom, vai socializar, o hotelzinho, enfim, mas assim eu não imagino deixando a Júlia num lugar desses... Eu mudei totalmente. Não imagino, acho que até na creche (da universidade) eu deixaria mais tranqüila porque eu conheço, eu tenho uma relação com os funcionários, eu conheço, mas tipo assim, ir num hotelzinho, largar ela lá... Nossa Senhora! Eu morro do coração (risos) Tudo isso muda muito. Então eu acho que eu mais tranqüila ela ficando aqui em casa com a Lúcia do que deixar.”*

A construção da relação Beth-Júlia, e especificamente o papel de **Beth/mãe**, tem se mostrado um processo bastante dinâmico de ressignificação de concepções.

Emergem nessa fala dois discursos presentes em nossa matriz sócio-histórica e contraditórios entre si, caracterizando o conflito que Beth vivencia no compartilhamento de cuidados de Júlia. Por um lado, um discurso que coloca a creche como fator de socialização importante para o bebê, e que, até algum tempo, era uma opção aceitável. De outro, um pensamento contrário e inaceitável de bebê em creche, caracterizado inclusive pela forma de Beth referir-se a este espaço, *eu não imagino deixando a Júlia num lugar desses*.

Na construção do papel de mãe outro sentido vai sendo construído em relação à alternativa creche, que Beth reconhece: *Eu mudei totalmente. Beth-mãe*, que no período pré-natal concebia a creche como alternativa e a desejava, enquanto possibilidade de que Júlia crescesse independente, agora, já não acha assim. Na impossibilidade de uma creche que ela reconhece como muito boa, seria melhor que Júlia ficasse em casa.

Outra questão que emerge nesse período está relacionada a sua saída de casa para o trabalho, fato que impõe para ela a necessidade de separar-se rotineiramente de Júlia e, além disso, de delegar a outras pessoas a função de cuidar de Júlia:

F.3.6: *Agora a separação, esse lance de amamentar é muito difícil, essa coisa eu te falei agora de deixá-la com outras pessoas é muito difícil. Quer dizer, de repente eu tô indo dar aula, eu vô lá fico e volto rapidinho, eu não sei quando eu voltar a trabalhar. Essa coisa da separação. E eu fico imaginando inclusive como vai ser pra eu deixar de amamentar. Eu acho, não sei se é um grilo meu também. Que assim como ela é muito apegada, eu também adoro amamentar ela. Eu fico até teve uma vez elas falaram ‘Ah, ela pegou a mamadeira super bem’, eu senti meio ciúme da mamadeira (ri). Sabe aquela coisa, né? Então, eu não sei se é uma coisa minha também que tá interferindo aí. Que cê vê eu, eu agora vô tê que começá dá mamadeira, mas eu não dô de jeito nenhum, ela mama em mim. Mas eu já cheguei a sentir um pouco de ciúme da mamadeira, uma vez que ela ficou, que ela pegou, elas falaram “Ah, ela pegou a mamadeira” eu já me senti excluída dela, entendeu? Como se ela tivesse me rejeitando, mas não sei.”*

A amamentação desde o nascimento de Júlia foi vista por Beth/mãe como algo que deveria ser realizado por ela, como uma necessidade na construção do seu lugar de mãe. Apontada por Beth como um momento de satisfação, não só para Júlia, mas também para ela que assume *adoro amamentar*, essa atividade parece garantir um lugar diferenciado para a relação **Beth/mãe-Júlia/filha**, dentre as outras relações. Isto é, todas as outras atividades podem ser realizadas pelas outras pessoas, no caso a babá Lúcia, com D. Rosa e com sua prima, porém a alimentação não, esta deve continuar a garantir para Beth/mãe o seu lugar de exclusividade, *ela mama em mim*.

Permanece a relação **Beth/mãe-que-amamenta-Júlia/bebê-que-mama-só-em-sua-mãe**, para que Beth não venha a se sentir rejeitada. Nesse sentido, Beth indica a sua ambivalência, *eu agora vô tê que começá dá mamadeira, mas eu não dô de jeito nenhum, ela mama em mim*. Nesse

momento em que, durante a entrevista Beth vem falando da capacidade de Júlia de diferenciar as relações, ela faz por onde garantir determinados espaços nesse processo.

Não só Júlia, mas também Beth vive um processo de diferenciação das relações. Ou melhor, manter-se amamentando é elemento fundamental para Beth sentir-se mãe.

A amamentação também faz aparecer no discurso de Beth a dificuldade em afastar-se de Júlia, de separar-se por algumas horas que sejam quando ela voltar a trabalhar. Para trabalhar o dia todo, Júlia precisa ser alimentada de outra forma que não só no peito, e por outra pessoa. A separação constitui uma ameaça a esse lugar que está sendo construído, o de **Beth/mãe**, pois com o acontecimento desses eventos a garantia da relação **Beth/mãe-Júlia/filha** está ameaçada, *como se ela tivesse me rejeitando*.

F.3.7: *“Então essas coisas sabe, Marisa? Vão desgastando muito, porque eu ainda num, como se diz? Eu tô precisando reformular a minha vida em função disso tudo, né? Quer dizer, eu não quero perder algumas coisas que eu tinha, quer dizer, o fato de eu ir dar aula, pra mim é até uma terapia... Eu sinto muito, acho que a Júlia chora mas ela vai ter que se acostumar. Agora, pra mim é ótimo é até uma terapia. Eu vou, quer dizer, o fato de eu tá lá eu desligo totalmente. Agora, o primeiro dia eu não desliguei não (rindo), mas agora eu consigo desligar, e eu sinto que pra mim é ótimo, o fato de eu tá lá, dando aula, discutindo, lendo, conversando com as pessoas, parece que eu volto, hoje eu tô com uma disposição e tanto, entendeu? Então acho que eu, talvez quando eu voltar trabalhar essas coi..., esse lado vai melhorar.”*

Por outro lado, ao mesmo tempo em que Beth aponta sua necessidade de estar próxima de Júlia a fim de continuar a desenvolver seu papel de mãe, ela aponta para uma necessidade de

afastamento, a fim de resgatar aspectos de seus outros papéis que foram deixados de lado com a gravidez.

Com o acontecimento da gravidez e do nascimento de Júlia, Beth teve que investir bastante na construção de um novo papel, o de mãe. Este foi posto como figura, enquanto outros aspectos de sua vida ficaram a margem nesse processo. Porém, por fazerem parte da rede de significações de Beth, em alguns momentos eles emergem, e são apontados por ela como uma necessidade de *reformular a minha vida em função disso tudo*. Isso tudo parece indicar esse novo papel e todas as transformações em seu contexto sócio-familiar e ressignificações nas diversas interações de Beth.

A situação de entrevista e a especificidade da relação **Beth/mãe-e-psicóloga-Marisa/pesquisadora-e-psicóloga**, constituem para Beth um cenário/espço onde há a possibilidade de emergência de aspectos ambivalentes desse processo:

- *ora de repente eu tô indo dar aula, eu vô lá fico e volto rapidinho, eu não sei quando eu voltar a trabalhar.*

- *ora o fato de eu ir dar aula, pra mim é até uma terapia.*

Além disso, Beth comenta as dificuldades da maternidade:

F.3.8: *“Eu, acho que a dificuldade que eu tô tendo primeiro é a de me acostumar com essa rotina, né? De casa, de nenê, porque eu nunca, eu sempre tive uma vida muito ativa, trabalho, saio do trabalho vou sair com os amigos, né? Chego em casa durmo, então é aquela coisa que eu tinha que eu perdi. Acho que eu perdi por um bom tempo. Às vezes eu fico imaginando se vai demorar muito pra ela fazer 15 anos, né? (risadas) Então assim, são algumas coisas que, que acho que pra mãe é muito neurotizante. Tipo assim, eu, eu adoro dormir. Faz muito tempo que eu não durmo a hora que eu quero. (...) Eu durmo a hora que a Júlia quer que eu durma. Não tem jeito. Então isso neurotiza pra caramba, quando ela começa com esse chorinho dela, quando é, porque ela não quer dormir, ainda mais agora*

que ela tava doentinha, e essa rotina de casa, que isso me, entedia, eu tenho horror, entendeu? Eu fico muito aqui dentro.”

A concepção de relação mãe-bebê, tal qual propõe Bowlby (1990) em sua Teoria do Apego, enfatiza o aspecto da satisfação e da harmonia nessa díade, onde a mãe estará constantemente atenta e sensível para atender a demanda de seu bebê, seja de afeto, de alimentação, enfim, de cuidado. *“Quando a interação entre um par transcorre normalmente, cada participante manifesta intenso prazer na companhia do outro e, especialmente, nas expressões de afeição do outro.”* (p.259).

A relação mãe-bebê é também constituída por aspectos contraditórios e conflitantes que emergem no decorrer de seu processo de construção-reconstrução. Nessa fala, **Beth/mãe** aponta para essas questões. Ao mesmo tempo em que sente uma forte necessidade de estar com sua filha, cuidando, amamentando, essa mãe também sente *algumas coisas que pra mãe é muito neurotizante*, que a faz inclusive frisar a necessidade de *acostumar com essa rotina* e imaginar (e desejar) que Júlia cresça logo, *eu fico imaginando se vai demorar muito pra ela fazer 15 anos, né?*

Nesse período do processo de construção da relação Beth/Júlia, os momentos de separação começam a se tornar iminentes e Beth vai apontando os diversos lugares/sentidos para esses eventos, no decorrer da entrevista. Sentidos diferentes são construídos e emergem na rede de significações de Beth. Nesse movimento de ressignificação Beth vai construindo seu papel de mãe e a partir desse lugar elaborando a divisão dos cuidados de Júlia, em que entre suas opções coloca-se a creche.

5.4 A entrada de Júlia e sua família na creche

Esta entrevista aconteceu aproximadamente após 1 mês da entrada de Júlia na creche. Iniciamos perguntando a Beth como ela observou o processo de entrada de Júlia na creche. Sobre essa questão ela comenta:

F.4.1: *“Eu me surpreendi com a, com a reação da Júlia, porque eu achei que ela ia dá mais trabalho, ia ficá mais... sei lá, ia tê alguma dificuldade, né? Em ficá lá. Mas me surpreendeu porque achei que, de cara assim, ela ficou bem; eu num acompanhei tanto, né, Marisa? Eu, eu fiquei um dia, depois eu fui ficando menos porque daí minha mãe que acabou ficando pra eu podê trabalhá. Mas, eu achei que ela se adaptou super bem. ”*

Beth avalia como tendo sido boa a adaptação de Júlia à creche. Leva em conta, expectativas que foram criadas a partir de seu tempo vivido com Júlia, por exemplo a demanda de Júlia/filha quando Beth/mãe era a principal responsável pelos seus cuidados, achando *que ela ia dá mais trabalho*. Contudo, tem essas expectativas ressignificadas no aqui-e-agora da inserção de Júlia à creche e surpreende-se *de cara assim, ela ficou bem*.

É importante ressaltar que D. Rosa, a avó materna de Júlia, foi a responsável pelo acompanhamento de Júlia em seu período de adaptação à creche. Desta forma, as percepções de **Beth/mãe** com relação a esse processo de **Júlia/bebê-em-adaptação** foram construídas tendo como base informações dadas por **D. Rosa/avó-de-Júlia**, pelas educadoras de Júlia, principalmente **Lena/educadora-de-Júlia** e, também, de momentos em que Beth participou na creche, por exemplo, quando ia amamentar Júlia.

Júlia apresenta mudanças em seu comportamento que são observadas por Beth:

F. 4.2: “*Em casa ela, acho que já tem alguns efeitos dela, desse período, né? Apesar de ser um período pequeno, hoje, exatamente faz um mês que ela tá na creche, em casa eu já percebo algumas mudanças com as pessoas, ela tá mais sociável, ela já tá um pouco mais tolerante, que antes ela era muito... requisi, assim, solicitava muito, né? Então, ela... parece que agora ela fica mais tolerante. A única coisa é que ela, assim, agora ela não fica sozinha de jeito nenhum. Então, em casa ela até fica sentadinha, junto com a gente, mas assim, cê, num dá pra eu deixá na sala e eu na cozinha, ela qué tê sempre gente, acho que ela costumô tê bastante gente, e acho que ela curte pra caramba, né? Mas eu acho que tá sendo super bom pra ela.*”

A adaptação à creche, assim como é apontada por Rossetti-Ferreira, Amorim e Vitória (1994) constitui “*um período crítico para todos os elementos envolvidos (bebê, famílias e educadoras), pois implica num conjunto de (re)organizações, numa época em que uma série de transformações pessoais e coletivas também se manifesta.*” (p. 37).

Não só transformações em suas concepções, expectativas e em seu papel de mãe são apontadas por Beth, mas também os comportamentos de Júlia vão sendo continuamente recortados e ressignificados pelo meio em que está inserida.

O contexto creche aparece na fala de Beth/mãe como trazendo *alguns efeitos* nas ações de Júlia/bebê. A Júlia/bebê-em-casa que *solicitava muito* passa a agir e a ser significada como a Júlia/bebê-que-freqüenta-a-creche que é *mais tolerante*. A entrada na creche passa a ser mais um elemento a fazer parte da Rede de Significações de Júlia e de seus parceiros de interação constituindo um novo fator em seu processo de desenvolvimento e de significação de suas ações.

A opção de Beth pela creche para dividir os cuidados de Júlia fez emergir em sua família algumas reações que ela aponta:

F. 4.3: *“Tem uma prima minha que já fez um curso onde foi citada a creche da Júlia, então agora que elas tão se situando, né? Onde que a Júlia tá. Então, acho que aquela imagem da creche, depósito de criança, acho que isso já ficou pra trás. Então acho que a gente tá recebendo força de todo mundo, sabe Marisa, acho que a reação tá sendo legal. Eu já num tô tendo mais essa, esse rancor, sabe? Porque, na verdade, acaba pesando sobre mim. É como se eu fosse a culpada de tudo. Sabe aquela estória: Ah, então por que que tem filho? Se é pra dá pro outros cuidarem ? Então, isso já acabô. Acho que elas tão vendo que num é por aí. Porque o que eu tô procurando pra Júlia, eu consegui, mesmo de tê um, o lugar onde tem o cuidado, onde tem educação, né? Num é uma coisa que cai no vazio, de simplesmente tá lá pra tomá banho, trocá fralda e dá comida.”*

O discurso sobre apego, que está presente na Matriz sócio-histórica e constitui um forte referencial em educação infantil, *pesa* sobre **Beth/mãe** que decide pela creche. A concepção de que é a mãe quem deve cuidar do filho nos primeiros anos de vida, tal como é proposto pelo paradigma do Apego, cria uma série de questionamentos, *por que que tem filho? Se é pra dá pro outros cuidarem?*, que acabam por culpabilizar, *É como se eu fosse a culpada de tudo*, e angustiar a família e mais especificamente, Beth que precisa tomar a decisão sobre a divisão dos cuidados de **Júlia/bebê**.

No que diz respeito a esse processo de decisão que permeia a relação Beth/Júlia e a reconstrução dos papéis de Beth, pode-se observar nessa fala a ressignificação e a emergência de um novo sentido para a creche. A imagem negativa da creche, vista como um depósito de criança, *ficou pra trás* não só para os familiares de Beth, mas para a própria Beth que anteriormente referiu-se a possibilidade de colocar seu bebê em uma instituição desse tipo como se fosse *largar ela lá!*

Agora, num é uma coisa que cai no vazio, de simplesmente tá lá pra tomá banho, trocá fralda e dá comida.

A entrada de Júlia na creche ressignifica e faz emergir um outro sentido na Rede de Significações de Beth para a creche, sendo que este é fortemente marcado pela forma como a creche que Júlia está freqüentando é vista pela comunidade. Esta instituição é tida como de boa qualidade e como creche modelo pelo trabalho que é desenvolvido e este fator é fundamental para a aceitação da opção de Beth por sua família.

Quanto a posição de Paulo com relação à creche, Beth comenta:

F.4.4: “Essa coisa pro Paulo é muito tranqüila, porque ele, inclusive, ele já morou no campus, ele tem uma ligação com o campus, com a creche, ééé, o Paulo sempre achou ótimo, ela vir pra creche, ele nunca se opôs.(...) Então agora ele já falou : - Ah, não ! Então agora a gente vem junto, a gente vai levá ela. Só que até hoje ele num foi vê. Ela na creche, mas, coisas de papai! (risos). Então, quanto ao Paulo, ele sempre deu a maior força.”

Paulo tem uma posição de aceitação com relação à creche. Ao comentar esse aspecto, Beth chama atenção para uma participação pouco efetiva dele junto à Júlia. Inclusive uma posição que vem se repetindo durante nesse processo e é definida por Beth como *coisas de papai*.

D. Rosa, avó materna de Júlia, mostrou-se resistente a aceitação da creche para Júlia:

F.4.4: “Acho que, por ela, se ela pudesse, ela largava tudo, né? E vinha ficá comigo pra ficá com a Júlia, mas isso não pode e eu também já coloquei que eu num queria. Acho que mesmo que eles viessem pra cá, né? Se meus pais viessem eu num... eu queria que a Júlia convivesse com o ambiente, porque eu acho que eu tenho que imprimí nela um ritmo que é meu também, já deixá ela um pouco mais independente, mais, tê a vidinha dela, porque, eu

sô muito assim, né? Então acho que é legal ela tê, ela tê a independência dela, tê o espaço dela, ela vai criá as relações dela na creche, onde eu num vô tá presente, então ela vai tê que criá essa relações, então acho isso legal, acho que pra criança isso é super importante, então acho que o que sobra pra minha mãe, agora, é esse sentimento de... de saudade mesmo...”

D. Rosa/avó-materna, desde o nascimento de Júlia, foi uma das pessoas com quem Beth/mãe dividiu os cuidados de Júlia/bebê. Essa relação de proximidade, cuidado e atenção constituiu para **D. Rosa/avó-cuidadora** um lugar que a entrada na creche vem reconfigurar. O cuidado agora será exercido por outra(s) pessoa(s) e D. Rosa sente, segundo Beth, *saudade mesmo*.

Contudo, mesmo dentro desse quadro inicial de reações negativas, Beth opta pela creche. Essa opção é permeada por discursos e opiniões divergentes sobre a creche que entram em conflito e constituem a fala de Beth de elementos ambivalentes.

Ao optar pela creche, Beth resgata a visão presente em nossa Matriz sócio-histórica de que a creche é um espaço que vai socializar a criança. Nesse sentido, a ida de Júlia à creche possibilita que *ela vai criá as relações dela*, separada de Beth, *onde eu num vô tá presente*. Esse evento de separação aparece como sendo a possibilidade de **Júlia/filha** construir-se como pessoa diferenciada, com *espaço e relações* próprias, e independente de **Beth/mãe**.

Ao mesmo tempo em que Beth coloca a importância de Júlia desenvolver-se de forma independente e diferente dela, ela indica a necessidade de *imprimí nela um ritmo que é meu também*. Essa impressão nos aponta para a questão da fusão, da repetição, como é proposta por Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000): **Júlia/filha** terá que repetir de **Beth/mãe** seu ritmo, sua vida independente para que possa construir-se como pessoa diferenciada.

Além disso, vale apontar que essa repetição de modelos/diferenciação de pessoas possibilitará à Beth/mãe resgatar aspectos de sua vida que foram postos de lado com a gravidez e o nascimento de Júlia, necessidade que vem sendo apontada por ela desde a primeira entrevista.

A entrada de Júlia na creche faz emergir em Beth também outros sentimentos:

F.4.5: “E é lógico que eu adoraria ficar o dia inteiro, também com a minha filha; talvez não só eu e ela, né? Eu acho que sempre, isso pra, mim é muito claro, eu acho que fica uma relação muito saturada, mas, assim, é lógico que eu queria tá mais junto, tá acompanhando mais, eu até conversei com a Lena, falei : ‘Ó, eu vô deixá um caderninho dentro da mochila, pra vocês escreverem pra mim as coisas, porque agora, essa idade é assim, é relâmpago, né?’”

A separação efetivada pela entrada de Júlia na creche traz ganhos para a diferenciação de Beth e Júlia, mas também traz perdas para Beth/mãe que gostaria de acompanhar mais de perto o desenvolvimento da filha, *é lógico que eu adoraria ficar o dia inteiro.*

Essa contradição **ganhos/perdas com a separação** nos aponta para o caráter polissêmico da linguagem, tal como nos propõe Bakhtin (1997), ou melhor, a **separação** será caracterizada por uma multiplicidade de significações que estarão em uma situação de interação e conflito constante. Os sentidos serão constituídos nesse processo de negociação entre as diversas significações a depender da situação interativa.

Beth/mãe que, na fala anterior, aponta a necessidade de momentos de **separação** de Júlia, logo depois indica as perdas que ela tem que sofrer por conta de sua escolha em colocar Júlia na creche, *porque agora, essa idade é assim, é relâmpago, né?*

Ao ser perguntada sobre sua relação com a Lena/educadora de Júlia e como ela tem visto a relação de Júlia com ela, Beth comenta:

F.4.6: “Eu já tenho um grande carinho pela Lena. Acho que eu já me afeiçoei a ela, também, no início eu ficava até meio assim, Ai, Lena, né? Pra eu podê saí, por exemplo, queria sempre que a Lena tivesse pra depois eu saí. Agora não, agora, e eu, engraçado, então, assim, que no começo era muito a Lena, mas agora, acho que eu já me afeiçoei a todas (refere às outras educadoras) (...) Acho que pra mim já são todas muito familiares(...) Agora a Lena eu vejo com o maior carinho, né? Acho que pra mim já é uma pessoa, uma referência mesmo de... é, mais eu tenho muita confiança nela.(...) A única coisa, assim, que eu fico inciutada, que se eu, se ela pudesse ficá só com a Júlia eu preferia (risos).(...) É muito assim, de cê querê a educadora só pro teu filho, né?”

A relação **Beth/mãe-Lena/educadora** vai se construindo como parte de um processo que foi compreendido por Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000) da seguinte forma:

“O momento de ingresso de bebês na creche revelou-se um palco particularmente interessante para investigação. Ele envolve fundamentalmente o encontro de dois contextos (casa/creche) bastante diferentes, o que provoca intensas reorganizações nos relacionamentos, práticas e concepções existentes, tanto na família, como na creche, podendo instigar confrontos e conflitos em seus vários elementos.” (p.283).

Essa relação **Beth/mãe-Lena/educadora** configura-se dentro de um clima de tranquilidade e confiança por parte de Beth. Contudo, o conflito/negociação emerge no momento em que Beth deseja que **Júlia/bebê-na-creche** seja cuidada por **Lena/educadora** da mesma forma que sua filha é cuidada em casa: *se ela pudesse ficá só com a Júlia eu preferia.*

O encontro entre essas dois contextos, casa e creche, impulsiona **Beth/mãe** para a reconfiguração de suas concepções e expectativas com relação a educação de sua filha.

A relação Beth/Lena mais um elemento que passa a fazer parte da Rede de Significações de Beth a partir da entrada na creche e contribui, junto com outros aspectos anteriormente apontados, para sua percepção em relação à creche. Beth comenta:

“E a creche... acho que se ela tem isso como objetivo, acho que ela atinge plenamente. Acho que em, a primeira impressão que eu tinha da creche, ela foi totalmente desfeita. Hoje eu me sinto super a vontade lá dentro, e aí você começa a observá, né? A, as educadoras com as criança, as próprias crianças entre elas, o ambiente, então, o que eu no início achava que era meio frio, meio impessoal, hoje eu acho assim, super familiar, eu me sinto... assim, pra mim é uma extensão, né? Da, da minha casa, da minha, do meu, é... sei lá, em termos de, de relação com as pessoas. Então, acho que isso me deu mais tranqüilidade e indiretamente, acho que acabei passando isso pra Júlia, essa segurança, né? Dela tá lá.”

O aqui-e-agora da entrada de Júlia e sua família na creche possibilita a ressignificação da percepção de Beth com relação a este espaço. Nesse sentido, podemos observar que *“A noção que a família tem da instituição assume uma forma mais concreta apenas após o início da frequência dos pais/bebês à creche. No entanto a evolução dos comportamentos e relações nesse ambiente tem rumos diversos, a depender dos fatores que atuam sobre a situação.”* (Amorim, Vitoria & Rossetti-Ferreira, 2000, p. 133).

No caso de Beth-Júlia, a abertura da creche para que a rotina desta pudesse ser vivenciada pela família, o processo de ressignificação pelo qual passaram as concepções e a aceitação de sua família por essa opção, a sua relação com a educadora de Júlia onde figuraram sentimentos de tranqüilidade e de confiança e a avaliação da reação de Júlia como sendo positiva e de aceitação,

foram elementos que constituíram o processo de inserção dessa família na creche e contribuíram para a ressignificação de percepções e significações anteriores com relação a esse contexto.

Quanto aos eventos de separações, estes já vinham acontecendo, pois Beth/mãe já havia voltado a trabalhar integralmente quando se iniciou o processo de adaptação de Júlia. Contudo, a partir desse momento, o fato de Júlia ir à creche fez com que essas separações rotineiras passassem por um processo de ressignificação fazendo com que novos sentidos fossem construídos.

Por um lado, a nova rotina de Júlia leva Beth a pensar essa separação como uma perda para o seu papel de mãe por não poder acompanhar integralmente o desenvolvimento de Júlia. Por outro lado, a creche é a possibilidade de construção de Júlia enquanto pessoa diferenciada. A opção pela creche acaba por ser mantida considerando os aspectos que ela avalia como positivos e a sua necessidade de reconfigurar outros papéis, necessidade que vem sendo apontada por Beth durante todo o processo.

A partir de agora, com a sua volta para o trabalho, a entrada de Júlia na creche e a volta de D. Rosa para sua cidade, Beth considera que elas entrarão em uma nova fase de suas vidas. Sobre essa questão ela fala:

“É, acho que o fato mais importante, né Marisa? Que, que acho que agora, acho assim, desde que a Júlia nasceu, euuu, quer dizê, eu tô, tô, eu sô uma pessoa que eu tenho muita ajuda das outras pessoas, tal. Então acho que agora, né, com, agora vai ficá o período integral, minha mãe volta pra casa, então acho que a partir de agora que eu vô começá a viver o que vai sê minha vida com a Júlia. Que esses dias eu tava pensando, tá, então, né? Então vô vim com ela aqui, ela vai passá o dia intero e aí vô lá buscá ela a tarde, acho que a hora que eu chegá na escada e chorá (risos). Entendeu? E eu fico imaginando como é que eu vô chegá com a Júlia em casa no fim da tarde... né? Então, assim, agora que eu tô... acho

que agora que eu vô começá, as, assim, a estruturá, a se configurá a, a minha vida, né? Que já voltô num ritmo normal de trabalho, de tudo com a Júlia.”

Nessa fala, Beth aponta sentimentos e conflitos que vem vivenciando com essa nova rotina que se inicia, com Júlia na creche e D.Rosa voltando pra sua cidade. A relação **Beth-Júlia**, que desde o início teve como suporte **D. Rosa/avó-que-cuida-de-Júlia**, em seu processo de construção, agora será reconfigurada e assusta Beth. Aproxima-se o momento em que ela terá, de uma vez por todas e sozinha, que reassumir seus diversos papéis incluindo mais um, o de mãe.

6. Considerações finais

Desde o seu surgimento no cenário científico, os estudos sobre as separações mãe-bebê foram fortemente marcados pela teoria do apego, que tem como precursores e importantes representantes Bowlby e Ainsworth. Esse paradigma concebe os eventos de separação como fatores de angústia para mãe e bebê, colocando-os como algo a ser evitado por constituir provável risco ao desenvolvimento do bebê. Caracteriza-se por uma visão preditiva e negativa desses eventos.

Além desses aspectos, Bowlby ao conceber o vínculo mãe-bebê como sendo primordialmente determinado por fatores biológicos e naturais, da ordem do instinto, aponta para uma visão naturalizada da relação mãe-bebê.

Partindo de seus pressupostos, a teoria do apego pressupõe determinados comportamentos e relações ideais para o cuidado infantil e a maternidade. Esse paradigma considera que, para um desenvolvimento humano saudável, é necessário que ao bebê seja possibilitada a presença constante da mãe e que essa relação seja estabelecida de forma harmônica e satisfatória para os dois parceiros. Bowlby acaba por enfatizar a relação mãe-bebê como primordial, em detrimento de outras relações.

Pode-se identificar na teoria do apego uma concepção de família em que a mãe é a responsável pelos cuidados e educação da criança nos primeiros anos de vida. Para isso, essa mãe não deve trabalhar fora de casa pois, assim sendo, ela terá que se afastar diariamente de seu bebê por várias horas, o que acarretará angústia e riscos ao desenvolvimento da criança.

Contudo, diversas transformações sociais, decorrentes e impulsionadoras de mudanças nas concepções de família, de maternidade e de cuidado infantil, acabaram por exigir e apontar novas formas de pensar o contexto de desenvolvimento humano.

Questionando a visão naturalizada e determinista das relações familiares, mais especificamente da relação mãe-bebê, os estudos sobre a história da família (Ariès, 1978; Badinter, 1985) apontaram para a diversidade histórico-cultural que caracteriza a gama de possibilidades para as relações familiares, negando assim a existência de uma conduta universal que caracterize a relação mãe-bebê. Esses autores acabam por fundamentar uma crítica à visão de família presente na teoria de Bowlby, mostrando que a noção de relação mãe-bebê harmônica é muito recente e própria de determinadas culturas, principalmente a família ocidental moderna.

No campo da psicologia, pode-se observar a emergência de outras vozes apontando novas possibilidades para pensar questões do desenvolvimento humano. Nessa direção, a concepção sócio-histórica nos possibilita questionar o determinismo e a naturalização da teoria do apego, pois aponta para a construção histórica das relações e dos papéis sociais (mãe, pai, bebê...), onde estão presentes aspectos biológicos, pessoais e sociais. Além disso, nessa perspectiva, não só a relação mãe-bebê é enfatizada, mas toda a rede de interações em que o bebê está inserido desde o nascimento, constituindo relações qualitativamente diferenciadas e significativas na sua interação com o mundo.

Dessa forma, observa-se hoje uma multiplicidade de vozes sobre a separação mãe-bebê presente em nosso contexto sócio-cultural. Essa multiplicidade possibilita uma diversidade de significações para esses eventos, que vão variar ora aproximando-se da Teoria do Apego, avaliando a separação como causa de angústia e risco ao desenvolvimento, ora afastando-se dessa concepção e concebendo outros sentidos para os eventos de separação, dentre esses como possibilidade de diferenciação entre mãe e bebê e construção de autonomia.

No decorrer de nossas quatro entrevistas com Beth pudemos identificar o processo de construção de alguns possíveis sentidos para os eventos de separação entre Beth e Júlia. Algumas noções teóricas decorrentes de uma perspectiva sócio-histórica do desenvolvimento humano e mais

especificamente da proposta teórico-metodológica da Rede de Significações nos ajudaram a compreender esse processo.

Inicialmente, durante a sua gravidez, Beth nos remete ao par fusão-diferenciação entre ela e seu bebê como movimentos que levem a uma diferenciação entre as duas pessoas. A separação que virá a ser efetivada pelo parto aparece com esses dois sentidos: saudade do estado de fusão da gravidez e alívio por estarem separadas podendo fazer suas opções.

Seguindo em direção à segunda entrevista, período pós-nascimento de Júlia (23 dias de vida), Beth aponta para outros sentidos com relação aos eventos de separação ao comentar o parto, quais sejam: a possibilidade de perder Júlia faz emergir sentimentos de angústia com relação a essa perda/separação definitiva e, em um momento posterior, onde Beth já estava certa do bem-estar de Júlia, a necessidade de separar-se por alguns momentos para que ela pudesse, desligando-se um pouco das preocupações com sua bebê, recuperar-se do esforço do parto e satisfazer necessidades próprias de sua pessoa.

Tendo em vista esses dois momentos, podemos apontar a diversidade dos sentidos que aparecem quando Beth se remete a possíveis eventos de separação entre ela e sua filha. Ora esses eventos são vistos como possibilidade para uma diferenciação entre duas pessoas, Beth e Júlia, e/ou uma necessidade de recuperação de Beth; ora é vivenciada como fator de emergência de saudade da proximidade física da gravidez e/ou de angústia por indicar para Beth uma possibilidade da perda de Júlia, aproximando-se assim da concepção proposta pela Teoria do Apego.

A multiplicidade de discursos sobre separação, presente em nossa matriz sócio-histórica, possibilita uma variedade de significações relativas a essa questão e impregna a Rede de Significações das pessoas e, portanto, as situações interacionais em que estas estão inseridas. A fala de Beth nos indica a presença dessas diversas significações, contraditórias ou não, presentes em nosso contexto sócio-cultural.

Em um movimento dialético, Beth constrói sentidos para os eventos de separação entre ela e Júlia, levando em conta elementos de seu tempo histórico e vivido que se presentificam e são constituídos no aqui-e-agora da entrevista. Esse processo de significação caracteriza a situação das entrevistas onde se identifica em vários momentos a presença de elementos contraditórios em um movimento constante de negociação.

Outras noções presentes na proposta da Rede de Significações e utilizadas para entender esse processo de significação e de construção de sentidos são as de fusão e diferenciação propostas por Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000) baseadas na teoria walloniana. Ao pensar a relação Beth-D.Rosa, observamos o movimento dialético de fusão-diferenciação em direção à construção do papel **Beth/mãe**. Para as autoras, o desenvolvimento humano pode ser pensado a partir de um processo de articulação entre a imitação de modelos e repetições de ações (fusão) e o confronto entre modelos e criação de novas ações (diferenciação). A fusão **Beth/filha-D.Rosa/mãe** possibilita Beth fundir-se a sua mãe para, a partir dessa relação, construir seu papel de mãe. Concomitantemente, emerge em Beth a necessidade fundamental de construir esse papel de forma autônoma e diferenciada de D. Rosa.

A iminência de separações rotineiras com a proximidade da volta ao trabalho coloca Beth frente à necessidade de planejar esses eventos de afastamento, de forma que ela ou Júlia (que está com 23 dias) não venham a sentir tanto. Aqui também podemos observar o conflito entre dois sentidos contraditórios: a satisfação de estar junto da filha faz Beth preocupar-se em efetivá-las de forma mais amena - há de certa forma uma tentativa de elaboração antecipada desses eventos; as exigências sociais e a satisfação de Beth com outros papéis, fazem emergir o desejo de Beth em resgatar esses aspectos de sua vida.

O conflito vivenciado por Beth com relação às separações entre ela e sua bebê, ilustra o movimento contínuo de reconfiguração e reconstrução de sentidos que caracteriza a rede de significações. Esta, ao comportar elementos contraditórios, faz figurar uns ou outros a cada

momento e situação interativa em um movimento dialético de significação e construção de sentidos. Sendo assim, concordamos com a concepção walloniana de que o conflito é fundamental e funciona como fator dinamogênico ao desenvolvimento humano (Galvão, 1995).

A questão da separação entre Beth e Júlia, nos levou a pensar em termos do jogo de papéis que caracterizam o processo de construção da pessoa Beth. Beth nos aponta para seus diversos papéis, mãe, parceira, filha, profissional que constituem a sua rede de significações.

Esses convivem, a um só tempo, e estão submetidos a um movimento de figura e fundo, onde ora figura Beth/mãe, suas expectativas e necessidades que levam Beth a querer ficar mais tempo com sua filha, em detrimento de outros papéis; ora figuram Beth/parceira ou Beth/profissional, que indicam uma forte necessidade de resgatar outros aspectos de sua vida, após um período em que seu maior esforço, desde a gravidez, vinha sendo o de construir esse papel de mãe.

Essa noção de papel difere do papel social que indica modelos sociais mais cristalizados e estáticos. Nessa perspectiva, o jogo de papéis caracteriza-se pela fluidez, onde os diversos papéis que constituem a pessoa alternam-se, sendo negociados e (re)elaborados. Nessa perspectiva, ao invés de uma definição de mãe, um papel de mãe que se constrói dinamicamente e que guarda, por exemplo, o conflito **Beth/mãe-que-opta-pela-creche e Beth/mãe-que-opta-por-deixar-sua-bebê-em-casa**, afastando a possibilidade da creche, pelo menos por um tempo.

Na proposta teórico-metodológica da Rede de Significações, podemos pensar que em um tempo histórico são constituídos papéis sociais que se cristalizam, sendo mais lentas as mudanças de significados. Em sua interação com o meio, a pessoa é impregnada por esses diversos papéis e os (re)significa, a partir de seu tempo vivido, construindo assim, por exemplo, um papel de mãe próprio do seu percurso de desenvolvimento.

A construção do papel de Beth/mãe e da relação Beth/Júlia é fortemente caracterizada por concepções, expectativas e significações que estão presentes na matriz sócio-histórica onde estamos inseridos e traz a marca da construção histórica pela qual passaram. Em nossa sociedade,

conflitam discursos que, de um lado colocam a mãe/mulher como aquela que deve cuidar do seu filho, porém de outro, exige da mulher moderna a sua realização profissional. Beth aponta essa multiplicidade de discursos e significações, na medida em que (re)elabora essas contradições.

Sair para o trabalho faz emergir em Beth uma diversidade de sentimentos ambivalentes e significações conflitantes que serão negociados/assumidos, constituindo suas ações. Com a saída para o trabalho, Beth (Entrevista 3) mostra sua ambivalência com relação à amamentação de Júlia. A necessidade de amamentar Júlia com a mamadeira, para que possa voltar ao trabalho, entra em conflito com o seu desejo de manter a amamentação no peito como elemento essencial da relação entre as duas. Essa questão faz emergir no discurso de Beth a dificuldade de separar-se de Júlia, pois a não continuidade desta atividade, da forma que vem sendo realizada, constitui uma ameaça à construção dessa relação.

Também as opções que são feitas para a divisão dos cuidados de Júlia fundamentam-se nas concepções presentes em nosso contexto. De um lado, a creche, como opção para o cuidado de Júlia, vem se colocar nesse processo como um espaço em que ela poderá diferenciar-se, construindo sua autonomia e independência a partir de relações que serão construídas fora do contexto familiar. Separada de sua mãe, de casa, por algumas horas do dia, em um espaço que acolhe e proporciona o encontro com outras pessoas, Júlia terá possibilidades de tornar-se pessoa diferenciada, e é Beth/mãe quem opta por isso.

Por outro lado, conflitando com essa visão de que a creche pode proporcionar ganhos ao desenvolvimento de Júlia, emerge em Beth um sentimento de perda por avaliar que, com essas separações rotineiras, ela não poderá acompanhar com uma maior proximidade o desenvolvimento de sua bebê. Essa contradição ganhos/perdas permeia a opção de Beth/mãe pela creche, como possibilidade de contexto de desenvolvimento para Júlia/bebê.

Fazendo esse resgate de alguns momentos apontados no processo de construção da análise das entrevistas, podemos identificar alguns pontos importantes desta pesquisa.

A construção de sentidos, dentro da perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações leva-nos a pensar no aqui-e-agora da situação interativa, onde o conflito, a contradição e a negociação entre as diversas significações presentes na Matriz Sócio-histórica estarão presentes. O aqui-e-agora se refere à atualidade da situação de entrevista que é constituída por duas pessoas, eu e Beth, mas onde são trazidas por Beth uma diversidade de vozes, D. Rosa/mãe de Beth, Paulo/parceiro de Beth e outras pessoas, que constituem o tempo vivido e histórico de Beth.

Nessa concepção, temos que apontar também que a rede de significações do pesquisador também está presente na situação da entrevista e participa nessa interação, constituindo e sendo constituída no aqui-e-agora desta. Em nosso caso, tanto Beth quanto eu somos psicólogas. Esse papel figurou em diversos momentos da pesquisa sendo indicado pelo discurso psicológico que emergiu na fala de Beth para elaborar questões relativas à construção de sua relação com Júlia e funcionou como possibilidade de entendimento desse processo para participante e pesquisadora. A construção de sentidos se dá nesse espaço da entrevista, sendo caracterizada pela especificidade e situacionalidade da interação.

Nossa pesquisa pretendeu apontar esse processo de construção de sentidos e sua diversidade, visando uma desnaturalização e uma relativização no olhar sobre a questão da separação mãe-bebê. Sendo assim, apontamos que os sentidos aqui construídos, não são generalizáveis devido à especificidade desse processo de interação, dos recortes e da significação dessa pesquisadora, que atribui certos significados e não outros aos eventos observados. Porém, há a possibilidade para a reflexão e emergência de outros olhares sobre as separações mãe-bebê, a partir das diversas significações presentes em nosso contexto sócio-histórico e em cada situação interativa.

7. Bibliografia

- Ainsworth, M. D. S. (1964). Patterns of attachment behavior shown by the infant in interaction with his mother. Merril-Palmer Quarterly, 10, 51-58.
- Ainsworth, M. D. S.; Blehar, M. C.; Waters, E. & Wall, S. (1978). Patterns of Attachment – A Psychological Syudy of the Strange Situation. New Jersey: Hillsdale.
- Almeida, J. A. G.de A. (1999). Amamentação: um híbrido natureza-cultura. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Amorim, K. S., Vitoria, T. & Rossetti-Ferreira, M. C. (2000) Rede de Significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche. Cadernos de Pesquisa, 109, 115-144.
- Ariès, P. (1978). História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.
- Badinter, E. (1985). Um amor conquistado: O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bakhtin, M.(1997). Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec.
- Bowlby, J.(1989).Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1990). Apego. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Bretherton, I. (1992). The Origins of Attachment Theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. Developmental Psychology, 28 (5), 759-775.
- Davies, B. e Harré, R. (1990). Positioning: the discursive production of selves. Journal for the Theory of Social Behaviour, 20 (1), 43-63.
- Freud, S. & Breuer, J. (1987). Estudos sobre a histeria. Em S. Freud, Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol.II). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1989). Três ensaios sobre a sexualidade. Em S. Freud, Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol.VII, pp.118-228). Rio de Janeiro: Imago.
- Galvão, I. (1995). Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento humano. Petrópolis: Editora Vozes.
- Harré, R. & Langenhove, L. V. (1991). Varieties of positioning. Journal for the Theory of Social Behaviour, 21 (4), 393-407.
- Klein, M. (1991). Inveja e Gratidão. Rio de Janeiro: Imago.
- Oliveira, Z. M. R. (1998). Interações sociais e desenvolvimento: a perspectiva sóciohistórica. Caderno CEDES, 35, 51-63.
- Oliveira, Z. M. R. & Rossetti-Ferreira, M. C. (1993). O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil. Cadernos de Pesquisa, 87, 62-70.
- Pessoa, F. (1977) Poesias coligadas (Inéditas 1919-1935). Em Pessoa, F., Obra poética em um volume. (p.576-577). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar.
- Pinheiro, O. G. (1999). Entrevista: uma prática discursiva. Em M. J. Spink (Org.), Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas (pp.183-214). São Paulo: Editora Cortez.
- Rossetti-Ferreira (1984). O apego e as reações da criança à mãe - uma revisão bibliográfica. Cadernos de Pesquisa, 48, 3 -19.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S. & Vitoria, T. (1994). A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, IV (2), 35-40.
- Rossetti-Ferreira, M.C.; Amorim, K. & Vitória, T. (1996). A emergência de novos significados durante o processo de adaptação de bebês à creche. Coletâneas da ANPEPP, 1 (4), 111 -144.

- Rossetti-Ferreira, C., Amorim, K. S. & Silva, A. P. S. (2000). Uma Perspectiva Teórico-Metodológica para Análise do Desenvolvimento Humano e do Processo de Investigação. Psicologia: Reflexão e Crítica, 13 (2), 279-291.
- Schaffer, R. (2000). The early experience assumption: Past, present, and future. International Journal of Behavioral Development, 24 (1), 5-14.
- Spink, M. J. & Medrado, B. (1999). Produção de Sentidos no Cotidiano; uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. Em M. J. Spink (Org.), Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas (pp.41-61). São Paulo: Editora Cortez.
- Wallon, H. (1975). Psicologia e educação da infância. Lisboa: Editorial Estampa.
- Wallon, H. (1995). As origens do caráter na criança. São Paulo: Nova Alexandria.